

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL

Susiane Secco de Lima

**O FORTALECIMENTO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A  
EDUCAÇÃO INFANTIL DA EEEF SÃO PIO X, DO MUNICÍPIO DE  
BOZANO/RS: EM DEFESA DA ESCOLA DO CAMPO E DOS  
DIREITOS DAS CRIANÇAS**

Ijuí, RS  
2016

**Susiane Secco de Lima**

**O FORTALECIMENTO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO  
INFANTIL DA EEEF SÃO PIO X, DO MUNICÍPIO DE BOZANO/RS: EM DEFESA  
DA ESCOLA DO CAMPO E DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Polo de Ijuí, como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Juliana Goelzer

Ijuí, RS  
2016

**Susiane Secco de Lima**

**O FORTALECIMENTO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL DA EEEF SÃO PIO X, DO MUNICÍPIO DE BOZANO/RS: EM DEFESA DA ESCOLA DO CAMPO E DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Polo de Ijuí, como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil**.

**Aprovada em 23 de setembro de 2016:**

---

**Juliana Goelzer, Ms. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Simone Gallina, Dra. (UFSM)**

---

**Liliane Madruga Prestes, Dra. (IFRS)**

---

**Kelly Werle, Dra. (UFSM)**  
(Suplente)

Ijuí, RS  
2016

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todos que lutam e acreditam por uma Educação Infantil de qualidade para as nossas crianças. Aos educadores, famílias, crianças que estão no campo, são do campo e que defendem, respeitam e valorizam o campo, suas riquezas, saberes, aromas, cores e sabores...*

*À minha mãe, meu marido, minha família pelo amor, carinho e apoio ao longo deste trabalho.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Existem pessoas para as quais singelas palavras não são suficientes para traduzir minha gratidão. Mesmo assim, não posso deixar de registrar meu agradecimento a algumas delas:*

*A Deus, pelas manifestações de vida, confiança, força e fé, que possibilitaram, em momentos de decepções e angústias, obter serenidade para a concretização deste trabalho.*

*À minha família pelo apoio incondicional e por compreender a minha “presença ausente” em certos momentos, obrigada.*

*À Professora Juliana Goelzer, que me acolheu como sua orientanda, me guiou, foi paciente e realizou um ótimo e árduo trabalho, que Deus ilumine sempre os seus caminhos, muito obrigada.*

*À minha amiga Dulcinéia, que me ajudou e compartilhou comigo essa grande busca pela vitória, pelo convívio, pela compreensão e, principalmente, pela grande amizade.*

*Aos amigos e colegas de curso pelo incentivo, compreensão e apoio, troca de saberes e experiências.*

*À direção, colegas, funcionários, alunos e familiares e à comunidade local da Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X, pelo auxílio e importante contribuição para a realização desta pesquisa.*

*Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para esta realização.*

*Obrigada a todos(as)!*

## RESUMO

### **O FORTALECIMENTO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL DA EEEF SÃO PIO X, DO MUNICÍPIO DE BOZANO/RS: EM DEFESA DA ESCOLA DO CAMPO E DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS**

AUTORA: Susiane Secco de Lima

ORIENTADORA: Juliana Goelzer

O presente trabalho discute acerca da Proposta Pedagógica para a Educação Infantil de uma Escola do Campo. Esta pesquisa visou fortalecer a Proposta Pedagógica para a Educação Infantil da Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X, uma Escola do Campo situada no município de Bozano, RS, para que, enquanto escola, todos pudessem compreender e defender tal proposta e a permanência da Educação Infantil nesta escola, que é uma Escola do Campo. Em suma, lutar em defesa da escola do campo e dos direitos das crianças. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e o tipo de pesquisa utilizado foi a pesquisa-ação. Como instrumento investigativo, realizamos encontros formativos com a comunidade escolar para a discussão da temática e estudo dos referenciais. Ao longo do processo o grupo demonstrou compreender algumas especificidades do trabalho pedagógico na Educação Infantil, especialmente com relação aos direitos das crianças, e a importância das interações e brincadeiras. Concluímos que a proposta pedagógica não foi fortalecida com o grupo do modo como pretendíamos, pois os estudos realizados, bem como a participação do grupo da escola não foram suficientes para o fortalecimento almejado, o que nos provoca a pensar o quanto ainda há a necessidade de uma maior valorização e reconhecimento da Educação Infantil e do trabalho docente realizado nessa etapa na escola, tanto por parte da comunidade escolar quanto por parte da Coordenadoria Regional de Educação/Secretaria Estadual de Educação.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Educação Infantil. Proposta Pedagógica.

## **ABSTRACT**

### **THE STRENGTHENING OF THE PEDAGOGICAL PROPOSAL FOR CHILDREN'S EDUCATION OF E. E. EF SÃO PIO X, OF THE MUNICIPALITY OF BOZANO / RS: IN DEFENSE OF THE SCHOOL OF THE FIELD AND THE RIGHTS OF CHILDREN**

AUTHOR: Susiane Secco de Lima  
ORIENTADORA: Juliana Goelzer

The present paper discusses the Pedagogical Proposal for the Early Childhood Education of a School of the Field. This research aimed to strengthen the Pedagogical Proposal for Early Childhood Education of the São Pio X State Elementary School, a Field School located in the municipality of Bozano, RS, so that, as a school, everyone could understand and defend such a proposal and the permanence of the Education in this school, which is a School of the Field. In short, fight in defense of the countryside school and children's rights. The research had a qualitative approach and the type of research used was the action research. As an investigative tool, we held formative meetings with the school community to discuss the theme and study the references. Throughout the process the group demonstrated to understand some specificities of the pedagogical work in Child Education, especially with regard to children's rights, and the importance of interactions and games. We concluded that the pedagogical proposal was not strengthened with the group in the way we intended, since the studies carried out, as well as the participation of the school group were not sufficient for the desired strengthening, which causes us to think about how much is still needed of a greater appreciation and recognition of the education of children and of the teaching work carried out during this stage in the school, both by the school community and by the Regional Education Coordination / State Department of Education.

**Key words:** Field Education. Children's Education. Pedagogical Proposal.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 – Encontro formativo realizado na EEEF São Pio X .....	34
Figura 2 – Canteiro de garrafa pet construído pelos alunos e professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X.....	40

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Relação dos participantes da pesquisa identificados com nomes fictícios, a formação e área de atuação de cada um .....	35
Tabela 2 - Relação das turmas com o número de alunos e o tipo de organização das classes da EEEF São Pio X em junho de 2016.....	42

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNE	Conselho Nacional de Educação
CF	Constituição Federal
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
EI	Educação Infantil
EEEF	Escola Estadual de Ensino Fundamental
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
SEC	Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 MEMORIAL</b> .....	14
2.1 MINHA INFÂNCIA: MOMENTOS PARA RECORDAR COM SAUDADE .....	14
2.2 A ESCOLHA DE SER PROFESSORA .....	19
2.3 AS ESCOLHAS E EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS .....	22
<b>3 DAS MINHAS PREOCUPAÇÕES E INQUIETAÇÕES À ELABORAÇÃO DE UM PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA: OS PASSOS DA PESQUISA E A BUSCA DE CONTRIBUIR COM A ESCOLA</b> .....	28
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA E A EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	35
<b>4 A PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL E AS ESPECIFICIDADES DAS CRIANÇAS</b> .....	44
4.1 OS DIREITOS DAS CRIANÇAS, AS INTERAÇÕES E AS BRINCADEIRAS NA CENTRALIDADE DA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL .....	50
<b>5. OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO</b> .....	59
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DESAFIO CONTINUA</b> .....	62
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	69

## 1 INTRODUÇÃO

Nossas inquietações nos fazem ir em busca de novos conhecimentos e de novas descobertas a fim de nos tornarmos pessoas mais capazes e melhores. Quando nos deparamos com situações desconhecidas ou com obstáculos em nossa caminhada, vamos em busca de alternativas para resolvê-los.

Nessa perspectiva ocorreu a construção desta monografia, pois a partir do desafio de Fortalecer a Proposta Pedagógica para a Educação Infantil da Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X, de modo que contemplasse as especificidades da Educação Infantil na nossa escola, que é uma Escola do Campo, respeitando os direitos das crianças (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009) e o que está normatizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), me senti instigada a pesquisar, estudar, realizar encontros formativos com a comunidade escolar e, enfim, visitar nossa Proposta Pedagógica, visando o seu fortalecimento.

Entendo que a Proposta Pedagógica não pode ser considerada apenas um documento elaborado para cumprir exigências legais e burocráticas da mantenedora, sem nenhuma ligação com a comunidade escolar, mas que ela deve ser construída através de um trabalho coletivo, no qual se consideram todos os sujeitos como participantes da ação educativa. A elaboração de uma Proposta Pedagógica para a Educação Infantil requer que todos se mobilizem a pensar juntos: que educação queremos para as crianças da nossa escola?

E foi na tentativa de responder a essa pergunta com o coletivo da EEEF São Pio X, a partir das normativas legais que regem o trabalho pedagógico na Educação Infantil, que esta pesquisa foi realizada. A escolha por esta escola justifica-se por ser a escola onde trabalho e na qual venho construindo minha caminhada como docente na Educação Infantil.

Esta pesquisa teve então como objetivo geral Fortalecer a Proposta Pedagógica para a Educação Infantil da Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X, para que a comunidade escolar pudesse compreender e defender tal proposta e a permanência da Educação Infantil nesta escola, que é uma Escola do Campo; em suma, lutar em defesa da escola do campo e dos direitos das crianças. Na busca de atender a esse grande objetivo, definimos como objetivos específicos: apresentar e discutir, junto à comunidade escolar, sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para

a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e os Direitos Fundamentais das Crianças (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009); ampliar a compreensão da comunidade escolar acerca da especificidade do trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil; refletir com a comunidade escolar sobre as especificidades do trabalho pedagógico realizado na nossa escola, considerando o fato dela ser uma Escola do Campo; compreender, enquanto escola, a importância das brincadeiras e interações no processo educativo das crianças; inspirar os professores do Ensino Fundamental a, em seu trabalho pedagógico, buscarem referências no trabalho desenvolvido na Educação Infantil, especialmente no que tange às brincadeiras e interações.

Teoricamente, o estudo se alicerça principalmente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), no documento “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009), nas autoras Kishimoto (2010), Borba (2006), Kramer (2006) e Oliveira (2010), que argumentam a respeito da importância da brincadeira e da interação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, e em Barbosa (2012), Leal (2013) e no Documento “Educação Infantil do Campo: proposta para a expansão da política” (BRASIL, 2014), para discutir a questão da Educação Infantil do Campo.

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e o tipo de pesquisa utilizado foi a pesquisa-ação. Foram realizados encontros formativos com a direção, a coordenação, professores e funcionários da escola, durante os quais discutimos os referenciais teóricos articulando com a prática realizada na escola, visando o fortalecimento da Proposta.

Com o intuito de melhor organizar e facilitar a compreensão do processo investigativo, dividi este estudo em seis capítulos.

Neste primeiro capítulo apresento resumidamente, de forma introdutória, o caminho investigativo da pesquisa que será apresentada nesta monografia.

No segundo capítulo relato um pouco sobre a minha história enquanto criança/aluna/acadêmica/professora, resgatando parte de minha infância e de minha trajetória escolar, e já adulta a escolha da profissão, fazendo um elo com as vivências e experiências inesquecíveis que ainda hoje fortalecem minha atuação profissional.

No terceiro capítulo escrevo sobre o processo de elaboração do Plano de Ação e o processo de fortalecimento da Proposta Pedagógica da Educação Infantil da Escola Estadual de Ensino Fundamental do Campo São Pio X, explanando os passos

metodológicos realizados durante a investigação, como também uma contextualização histórica, social e temporal da escola e considerações sobre a Educação Infantil do Campo.

No quarto capítulo escrevo a respeito da construção de uma Proposta Pedagógica para a Educação Infantil que respeite as especificidades desta etapa, e que coloque a criança como centro do processo educativo, discutindo os resultados da pesquisa e articulando-os com o referencial teórico apresentado, bem como apresento os direitos das crianças, as interações e as brincadeiras como eixos norteadores de uma Proposta Pedagógica, também articulando teoricamente tais temáticas com a discussão dos resultados da investigação.

No quinto capítulo aponto alguns desafios que enfrento como professora de Educação Infantil nesta Escola do Campo e, no sexto e último capítulo, busco responder aos objetivos apresentados para a pesquisa e teço algumas considerações finais, incluindo nesta parte a escrita que construí ao longo desse processo e que hoje faz parte da Proposta Pedagógica da EEEF São Pio X.

## 2 MEMORIAL

Apresentar a origem desta pesquisa requer resgatar lembranças da história de vida que me constitui, me reportando a lugares, relações e aprendizagens que atribuíram sentido a essa construção. Por isso senti a necessidade de, nesta primeira parte deste texto, relacionar minha história de vida com as inquietações que venho vivenciando enquanto educadora; assim, procuro aqui registrar minhas experiências pessoais/acadêmicas/profissionais que se relacionam diretamente com o tema da minha pesquisa.

Aquilo que vamos vivenciando e construindo no percurso de nossa caminhada colabora para nos constituirmos sujeitos mais capazes, mais competentes e melhores. São norteadores de nossas escolhas. Nos fazem pensar e repensar. Errar e acertar. Mas sempre buscando a melhor maneira de exercer esse trabalho árduo de educar.

Compartilhar alguns elementos relevantes da minha história faz-se importante para registrar os motivos que me conduziram à escolha do tema pesquisado.

### 2.1 MINHA INFÂNCIA: MOMENTOS PARA RECORDAR COM SAUDADE

Oh! Que saudades eu tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais...  
(Casimiro de Abreu)

Recordar minha infância não significa apenas fazer relatos de acontecimentos e fatos passados. Significa mexer numa série de sonhos, sentimentos, emoções, sensações de medo, insegurança, de alegrias e de prazer... Lembrar-me do passado é recordar as brincadeiras com os amigos, os lugares, os cheiros e os sabores que ficaram gravados em minha memória.

Durante minha infância e adolescência, morei na localidade de São João da Bela Vista, interior do município de Jóia/RS. Não recordo do tempo em que meu pai estava vivo, pois eu era muito pequena quando ele faleceu. Depois disso eu, meu irmão e minha mãe fomos morar na casa de meus avós maternos, que ficava na mesma localidade.

Fui criada num ambiente familiar no qual havia muito respeito e amizade. Desde pequena aprendi o que é responsabilidade, valor que meu avô fazia questão de ensinar e nos cobra até hoje. Minha mãe e minhas tias permitiam que eu, meu irmão e meu primo fôssemos crianças e vivêssemos a nossa infância com intensidade, pois lembro que construíamos os nossos brinquedos com restos de madeira, latas, tecidos... Era muito bom, podíamos inventar “mil coisas”. Deixávamos fluir a imaginação. Como era gostoso aquele tempo, me recordo dos momentos de alegria e de trocas que passamos juntos aos domingos em família.

Eu morava no interior, e me lembro que uma das coisas que eu amava era quando começava a chover, pois eu sentia aquele cheiro de terra molhada.... Nunca entendi o porquê, mas quando sentia aquele cheiro, parecia que estava lavando a alma... Era muito bom!

Minha infância tem cheiro de fruta apanhada do pé e saboreada ali mesmo, no pomar. Tem sabor de caqui, pitanga, pera, bergamota, laranja madura! Ficava horas em cima das árvores comendo e até mesmo conversando com meus amigos imaginários. Lembro ainda que no arvoredo construí a minha casinha, onde haviam panelas, colheres, potes, vidros. Nossos brinquedos eram inventados, criados, não se tinha muito dinheiro para comprar. Quando meu primo vinha passear na casa dos meus avós era o dia mais feliz, pois era nesse dia que imaginávamos e inventávamos muitas das nossas brincadeiras. Ah, como era divertida a minha infância!

Minha infância tem também cheiro dos pães e das cucas quentinhas, produzidas em grandes quantidades em um forno bem grande à lenha, da nata que tirávamos da bacia de leite na hora em que descíamos para buscar as vacas na estrebaria, e do melado produzido por todos da família, que se reuniam nos finais de semana para “bater” o melado. Eram horas e horas ao redor dos tachos, nos quais borbulhavam muitas canas-de-açúcar moídas em grandes moedores. Normalmente era feito um tacho de melado e outro de chimia, e no tacho de chimia iam outros ingredientes que tinham de ser preparados um dia antes, como as laranjas, que deveriam ser apanhadas e descascadas com antecedência; quando íamos ao pomar, eu esperava ansiosamente até o momento em que poderia subir nas árvores.

Também me recordo das fases de pular corda. Valia desde a “salada saladinha”, “foguinho”, até pular com duas cordas batidas ao mesmo tempo. Ótimo exercício para a coordenação motora.

Naquele tempo minha avó adorava costurar roupas, panos de prato, capas de almofada, e assim quase tudo era costurado em casa, ou então eram feitos remendos. Isso implicava em inúmeras provas, palpites, espetadas de alfinetes. Lembro que acompanhar minha avó costurando uma roupa nova era sempre um momento muito feliz!

Como a vida no campo era muito rica de liberdade e alegria, acordar cedo não era um sacrifício, mas sim um momento de pura satisfação e desafio. Meu avô era produtor de leite, e todas as manhãs e tardinhas tínhamos que fazer o serviço. Como eu gostava dessa rotina, andar potreiro afora para buscar as vacas, dar leite na mamadeira para os terneiros, e até eu tinha a minha vaca, meu banquinho e o meu copo para tirar o leite.

Fui uma criança saudável, muito embora tivesse alguns problemas de saúde e/ou doenças comuns como gripe, catapora, caxumba e muita dor na garganta; sempre que me molhava em água fria ficava doente, mas minha mãe nunca me proibia de brincar na água quando estava calor. Ao conversar com ela sobre a minha infância, contou-me que sempre que íamos passear nos vizinhos e eram dias que fazia muito calor, eu não podia ver uma torneira que logo já estava debaixo dela, e por vezes até mesmo sem roupa, para me refrescar.

A natureza, os banhos de açude, as casinhas nas árvores, os amigos imaginários, as histórias contadas pela mãe, as visitas, as tias, os tios, primos, parentes, amigos, o sestar após o almoço, os campinhos das “peladas” de futebol. Tempo para ser criança e viver a infância... Espaços para brincar, leituras, contos, canções, faz-de-conta, a magia, a mãe, as bonecas alunas, os cenários para as festas de aniversário, o cheiro de limpeza, os quitutes, o pudim.

A infância foi o momento mais feliz da minha vida, vivi cada momento, cada sim, cada não, com a mesma intensidade. Foi tudo muito bem vivido, cada momento, cada amigo, cada brincadeira, e a escola foi fundamental nesse caminho, não como divisora, mas sim como uma ponte que uniu as duas coisas, o brincar e o aprender.

Meu primeiro contato com a vida escolar iniciou nos primeiros anos da minha existência: minha avó materna Herci, minhas tias Rosane, Marli, Eloisa e Elenita são professoras e sempre preparavam em casa suas aulas, permitindo-me um contato com o lápis e o papel desde os três anos de idade.

Em 1991, quando tinha três anos de idade, comecei a frequentar a Educação Infantil numa escola municipal situada na localidade onde morava, na Escola

Municipal de 1º Grau Incompleto José do Patrocínio. Meu irmão estudava na 3ª série nesta mesma escola, e nós íamos a pé todos os dias. Frequentei a turma de Jardim desta escola de 1991 a 1993, período em que minha tia trabalhava como merendeira e me levava para brincar com outras crianças, pois em casa, após o falecimento do meu pai, eu não tinha vontade de brincar e nem contato com outras crianças, o que levou a minha família a solicitar a minha inserção nessa escola, mesmo sem matrícula.

A escola era pequena, tinha duas salas de convivência das crianças, separadas por paredes de madeira móvel. O prédio era no formato de uma casa, suas cores eram verde e branco já bem desbotados.

Durante o recreio (sim, havia recreio... e esse era o único momento no qual brincávamos) brincávamos de casinha com as bonecas. Na sala tínhamos que nos ocupar com tarefas e quase sempre essas tarefas estavam ligadas ao ensino das letras de maneira mecânica, decorando o símbolo e a forma de traçá-lo.

Hoje percebo de outro modo o quanto esse tempo deveria ser de brincar, o quanto essas aprendizagens poderiam ter acontecido de outra maneira. Kramer (2006, p.20) em suas abordagens sobre a infância, destaca que “[...] o trabalho pedagógico precisa levar em conta a singularidade das ações infantis e o direito à brincadeira, à produção cultural tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental.”

Mas apesar de hoje eu compreender tudo isso que me foi retirado e antecipado, na época lembro que eu adorava ir à escola, pois era muito bom estar naquele lugar! Tudo era novidade! Às vezes eu vivia momentos como nos contos de fadas. A minha professora era muito dinâmica, as histórias contadas ou lidas por ela tinham um encantamento tão grande que me envolviam a ponto de eu querer que o tempo parasse. Estar com os colegas era muito importante, pois os momentos em que estávamos juntos na escola contribuíram para o desenvolvimento de minha socialização, interações nas brincadeiras e a superação da ausência de meu pai.

No ano de 1994 passei a frequentar a Pré-escola na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Edmar Krueel, em outra localidade do município, chamada São José, situada no meio rural onde eu viria a cursar todo o Ensino Fundamental. O deslocamento até a escola era feito através do transporte escolar disponibilizado pela Prefeitura municipal de Jóia. Frequentava a Educação Infantil no turno da tarde. A professora dava atenção a todos sem esquecer de ninguém, e lembro que eu tinha

muita confiança nela. Hoje entendo como é importante a afetividade na relação entre o professor e as crianças, pois esta deve estar presente no processo educativo.

A sala era bem alegre e colorida, tinha o alfabeto, os números e vários “trabalhinhos” nossos expostos, como também móveis construídos pela nossa turma. Naquela época eu achava tudo aquilo maravilhoso, fascinante, mas hoje, após muitos estudos na área, percebo que muitas coisas não haviam sentido – como simplesmente ter o alfabeto e os números expostos na sala – e o quanto eu apenas reproduzia e pintava desenhos prontos, o que não permitia que eu expressasse a minha criatividade.

Mas hoje, apesar de algumas limitações, já consigo desenvolver projetos a partir dos interesses das crianças, incentivando que façam a sua leitura e interpretação de mundo, e percebo que uma sala alegre e rica de aprendizagens se dá pela exposição de desenhos, pinturas e outras criações que sejam construções das crianças, e não de trabalhos e imagens estereotipadas e cartazes construídos pelo professor sem a participação das mesmas.

Naquela época não se tinha a orientação que temos hoje para o trabalho na Educação Infantil, que deve ser voltado para as interações e brincadeiras, para o protagonismo das crianças, para o lugar delas enquanto sujeitos de direitos. O objetivo estava centrado na alfabetização mecânica, e as crianças muitas vezes tinham que ficar sentadas e quietas um turno todo já desde a Educação Infantil.

Hoje há uma normativa nacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) que busca garantir os direitos das crianças e que mostra que brincar não é perder tempo, mas um momento potencializador do desenvolvimento e da aprendizagem. Já dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade: “Brincar com a criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda, é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

Mas apesar de existirem orientações em relação à importância do brincar, percebo que as escolas cada vez mais têm se preocupado com a antecipação da oferta de conteúdos formais com ênfase na alfabetização precoce das crianças, demonstrando um relativo despreparo no conhecimento das necessidades básicas das crianças pequenas, principalmente com relação ao brincar, sua função como linguagem e principal forma de interação com o mundo.

No ano de 1995 deu-se o início da minha alfabetização na 1ª série do Ensino Fundamental, a qual aconteceu dentro dos parâmetros do modelo tradicional, mas a professora era muito dinâmica (era formada na área de Língua Portuguesa) e nós brincávamos muito com as palavras, com os sons e as sílabas! Como eu já havia iniciado o processo de leitura e escrita na Pré-Escola, no início do ano eu já estava lendo, enquanto os meus colegas só o fizeram no segundo semestre. Isso tudo foi, de certa forma, cansativo, pois repeti várias atividades e tive diminuído o tempo e o espaço para as brincadeiras. “Decorei” todas as letras e palavras. Minha visão de mundo ficava restrita ao conteúdo trabalhado, sem questionar ou atribuir sentido a ele.

Os anos foram passando e com eles a minha infância, rica de experiências e vivências no campo, durante a qual as brincadeiras com poucos brinquedos prontos colaboraram para explorar a minha imaginação e criatividade. Fui privilegiada por morar no campo e ter este espaço para brincar, e sinto pelas inúmeras crianças que não o tem nem em casa e muito menos na escola. Percebo hoje o quanto o campo é um lugar rico de possibilidades para as descobertas e aprendizagens e o quanto deve ser valorizado. Trabalhar numa escola do campo é, para mim, poder lembrar minha infância e poder explorar esse espaço com as crianças, na busca da valorização deste espaço para a aprendizagem e vivência do lúdico, e para a garantia dos direitos das crianças.

## 2.2 A ESCOLHA DE SER PROFESSORA

*De tudo ficam três coisas...  
A certeza de que estamos começando...  
A certeza de que é preciso continuar...  
A certeza de que podemos ser interrompidos  
Antes de terminar...  
Façamos da interrupção um caminho novo...  
Da queda, um passo de dança...  
Do sonho, uma ponte.  
(Fernando Sabino)*

Desde criança eu gostava de brincar de “escolinha” e, naquela época, eu já falava que queria ser professora. E como na família já haviam professoras, minhas tias me incentivaram a cursar o Magistério. Sempre tive admiração pelas minhas professoras, e isso também me impulsionou a ser professora.

Então, após o término do Ensino Fundamental, em 2003 comecei a cursar o Magistério no Instituto Estadual de Educação Guilherme Clemente Köehler, localizado no bairro Burtet, no município de Ijuí. Inicialmente passei por uma fase de adaptação, colegas novos, professores que não me conheciam. No primeiro ano era tudo novidade, descobertas de novas amizades, muitos professores, além de ser uma escola maior e diferente.

Durante um, dois, três anos, vivi em função do curso, da casa para a escola, da escola para casa, estudando, lendo, escrevendo, analisando, eram muitas informações, muito conteúdo novo e, ao mesmo tempo, teorias, conceitos dos quais eu nunca tinha ouvido falar. Tinha muitos trabalhos, provas, seminários. Havia muita leitura, não estava acostumada a ler tanto.

Fui descobrindo muitos educadores que fazem parte da construção de teorias e estudos importantes para a compreensão do processo educativo, dentre eles Piaget, e sua teoria do desenvolvimento da criança como um processo temporal, ou seja, que acontece em diferentes níveis ou estágios de acordo com a idade, e Vygotsky com sua teoria histórico-cultural, situando o indivíduo como um ser social e histórico, que se constrói a partir de sua interação com o mundo.

Algumas aulas eram estimulantes, outras nem tanto, mas eu sempre buscava o novo, aprender mais. Nas aulas sobre a Educação Infantil pude conhecer um pouco sobre a infância e suas especificidades, contribuindo para mais tarde, na faculdade, aprofundar e vivenciar na prática e colaborando para as minhas reflexões acerca do trabalho na Educação Infantil e compreensão da nova visão de infância e de criança, como sujeito de direitos.

As disciplinas que eu mais gostava eram as de metodologias, pois eu imaginava como seria quando atuasse como professora, e muitos questionamentos surgiam: como aconteceria o estágio? Como seriam as crianças? Será que a turma seria muito agitada? Será que eu conseguiria fazer aulas dinâmicas e interessantes? E na Educação Infantil, conseguiria trabalhar de maneira lúdica?

Então chegou o momento de realizar o estágio e pôr em prática o que eu havia estudado, bem como, o momento de aprender a ser docente. Fiz meu estágio nesta Escola do Campo em que hoje trabalho, a Escola Estadual do Ensino Fundamental São Pio X, do município de Bozano/RS. Me disponibilizaram uma turma de 2ª série, com 13 alunos. Como era gostoso estar entre as crianças! Relembrei, a partir dos relatos das crianças, momentos vividos na minha infância no campo, como os banhos

de chuva, as comidinhas de barro, o nascimento dos carneiros, as festas da comunidade... Momentos riquíssimos de alegria e saudade.

Realizei seis meses de estágio e, com o passar dos dias, foi possível perceber que as crianças demonstraram interesse pelas aulas e eram bastantes críticas nas discussões que realizávamos, ponto positivo que me incentivou a planejar aulas interessantes, que chamassem a atenção e levassem em conta o interesse da turma; isso, sem dúvida, exigiu muito de mim e do meu tempo. Para que essas aulas acontecessem, busquei dialogar com as crianças ouvindo o que elas tinham a dizer, deixando que suas vozes aparecessem na sala, pois acredito ser imprescindível para o processo educativo que elas sejam ouvidas.

A educação faz parte da vida e a escola deve ser o espaço da socialização, da integração entre os saberes científicos e os saberes do cotidiano da sociedade, os quais contribuem para a formação de sujeitos sociais. Por isso, afirmo que a interação sujeito-meio é muito importante para o desenvolvimento das crianças: é interagindo com o meio em que vive que a criança aprende, se desenvolve e se percebe parte de um conjunto, sendo este o ponto de partida do processo educativo. Posso dizer que o Curso de Magistério contribuiu muito para a minha formação e para o início de uma consciência crítica e reflexiva.

Nesta época, a Educação Infantil não era o centro do meu interesse para realizar o estágio, pois era um desafio ainda maior e minha professora orientadora do estágio também não me incentivou a realizar minha prática nessa etapa. Eu achava que seria mais fácil planejar as aulas para turmas do Ensino Fundamental do que para a Educação Infantil. Na verdade, não me sentia preparada para isso.

Após o estágio, chegou a hora de procurar um emprego. Vale ressaltar que saí do curso com muitas teorias e vontade de trabalhar, porém teria que aprender muito na prática. O importante é persistir e admitir que nunca chegaremos à completude, pois sempre há novas coisas para serem descobertas e aprendidas. Como seres humanos, estamos sempre errando e acertando, construindo nossos conhecimentos e, porque não dizer, aprendendo com os demais, e nós educadores aprendemos muito com nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos.

A prática docente é um processo de ensinar e aprender constantes para todos os envolvidos neste processo. E eu continuo buscando aprender cada vez mais, principalmente quando os desafios me fazem repensar minha prática. Daí vem o motivo para esta pesquisa.

### 2.3 AS ESCOLHAS E EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

*Não haverá parto se a semente não for plantada antes.  
Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.  
(Rubem Alves)*

Em 2007 comecei a trabalhar como estagiária na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Costa Beber, no município de Bozano, com crianças do Pré II – cinco anos – e com as séries iniciais – 1<sup>a</sup> a 5<sup>a</sup> série, realizando substituição dos professores regentes para o dia do planejamento. A escola fica localizada na cidade, mas a grande maioria das crianças, filhos de agricultores, moram no campo. De lá para cá sempre atuei em escola e em contato direto com crianças.

Também no ano de 2007 iniciei minha Graduação em Pedagogia, na UNIJUÍ (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul), no município de Ijuí/RS. Durante o curso pude relacionar a teoria com a prática. Muitas dúvidas, pesquisas e descobertas me tomaram.

No ano de 2008, pela primeira vez tive a oportunidade de atuar como professora regente na Educação Infantil, na mesma escola onde estava trabalhando no ano anterior e, na oportunidade, atuei com crianças de quatro anos de idade. Era a primeira turma na escola e que teria atendimento apenas três dias por semana (segunda, quarta e sexta-feira), pois nesta época ainda não era obrigatória a matrícula de crianças de quatro anos, e as famílias achavam que as mesmas eram muito pequenas para frequentar a escola. Também, como a maioria das mães trabalhavam em casa, não sentiam necessidade de levar os filhos à escola antes dos 5 ou 6 anos.

Não me sentia preparada para assumir uma turma de Educação Infantil, pois ainda não tinha trabalhado com essa faixa etária. E como eu também desconhecía os direitos, as políticas públicas e a importância da Educação Infantil, não contribuí para o incentivo às famílias e à escola como um todo para que o atendimento acontecesse diariamente; preocupei-me simplesmente em atender as suas necessidades, conforme o que ia construindo e aprendendo durante o trabalho.

Mas, de repente, eu lá estava em uma sala de Jardim com dezenove crianças e um trabalho pedagógico a realizar. No primeiro mês tive muitas dificuldades para desenvolver o trabalho, pois sabia da responsabilidade de cuidar e educar aquelas crianças.

No entanto, ao longo desse processo, pude contar com o importante auxílio da coordenadora da escola, que foi o meu refúgio em todas as situações. Ela me ajudou muito com incentivos e carinho e, principalmente, me ajudou a conhecer mais sobre o trabalho pedagógico na Educação Infantil. Ela auxiliou-me no planejamento das propostas e mostrou-me como criar possibilidades de interações com as crianças, de maneira lúdica, já que a mesma era graduada em Educação Física e, antes de assumir a coordenação pedagógica, atuou na Educação Infantil.

A partir daí, senti a necessidade de pesquisar sobre a Educação Infantil e comecei a ler textos que me ajudassem a superar minha insegurança e a melhorar meu trabalho, me tornando mais dinâmica e criativa.

Meu fazer pedagógico foi sendo construído ao longo desta caminhada em sala, sempre observando, pesquisando, fazendo e refazendo várias ações, pois errei muito! Lembro-me que uma das crianças, durante as brincadeiras em sala, gostava de retirar os brinquedos da caixa de papelão para brincar dentro da mesma. Eu sempre pedia para ela sair, pois iria estragar a caixa. Hoje, com a minha vivência e estudo, percebo o quanto a brincadeira com a caixa era importante para aquela criança e que a mesma aprendia bem mais com a caixa do que com os brinquedos e/ou “atividades” que eu, professora, achava mais interessante para ela. Desta forma, comecei a mudar minha prática e observar e analisar o que realmente é interessante e significativo para as crianças. Não é à toa que hoje, em minha atuação, as crianças conseguem brincar mais, explorar objetos, construir e desconstruir caixas, sucatas e desenvolverem a sua autonomia.

Em abril de 2009 encerrou meu contrato como estagiária nesta escola e, em outubro, fui trabalhar no Colégio Sagrado Coração de Jesus, no município de Ijuí, como professora do Laboratório de Aprendizagem dos Anos Iniciais no turno da manhã, e no turno da tarde como monitora da Turma do Pré I na Educação Infantil. Nesse período construí novas aprendizagens, pois trabalhava junto a uma profissional muito comprometida em realizar um trabalho pedagógico significativo e dinâmico.

Comecei a dar mais atenção às ações das crianças. Na casinha de boneca, percebi o quanto elas transformavam o espaço e os objetos: o urso de pelúcia virava cachorro, a colher virava um telefone, o pente uma faca. Tornava-se prazeroso observar o potencial de imaginação, criação e transformação das crianças!

Em 2011 fui chamada para trabalhar com contrato emergencial pela 36ª Coordenadoria Regional de Educação (36ª CRE), numa escola urbana, chamada

Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora da Penha, localizada na cidade de Ijuí, onde passei a atuar então com o 2º ano do Ensino Fundamental. Quando cheguei à escola fui recepcionada pela diretora, que descreveu para mim todas as crianças com suas respectivas aprendizagens e dificuldades.

Com o passar das semanas me deparei com muitas situações diferentes, pois estava convivendo com crianças que viviam as mais diversas realidades. Busquei proporcionar atividades lúdicas, músicas, brincadeiras, focar nas relações com o outro, hora do conto, educação física e outros, e trabalhar em uma perspectiva que a criança pudesse entender a importância da leitura e da escrita em nossa sociedade. Conquistei a todas as crianças através do respeito, compreensão e muita afetividade.

No ano seguinte, em 2012, pedi remoção da Escola Nossa Senhora da Penha para a Escola Estadual São Pio X, a qual ainda hoje trabalho. Nesse momento um sonho se concretizava: voltei à mesma escola do campo onde iniciei minha trajetória profissional. Quando cheguei à escola, fui convidada para atuar nas turmas de Educação Infantil, em sala multietária, com crianças de 4 e 5 anos.

Novamente me deparei com um novo desafio: o de trabalhar com crianças de Educação Infantil em uma classe multietária. Tive que buscar maneiras diferenciadas para atuar com todas as crianças que estavam em um mesmo ambiente/sala. Essa forma de organização é bastante desafiadora para o professor, mas importante para as crianças, pois elas aprendem juntas e as trocas se tornam mais ricas. Mas falar sobre a sala multietária seria tema para uma outra pesquisa.

No entanto, cabe salientar que para as políticas públicas o que importa é garantir o direito das crianças à Educação Infantil (ainda que muito tenha que fazer para isso), sem preocupar-se com o como fazer isso, especialmente na Educação do Campo. A sala multietária, por exemplo, é organizada para garantir espaço para todos, e não pensada enquanto proposta pedagógica. O que se percebe é uma urbanização do campo, com modelos educativos descontextualizados do lugar onde a escola se encontra inserida. Muito se fala no incentivo à permanência do homem no campo, mas pouco se tem buscado a valorização da Escola do Campo.

Durante os encontros de estudos organizados pelo Governo Federal através do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa<sup>1</sup>, incluiu-se estudos sobre a

---

<sup>1</sup> O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelo Governo Federal, Distrito Federal, Estados e Municípios Brasileiros para assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.

Educação do Campo, mas com pouca ênfase. Seria importante que a Escola do Campo fosse valorizada em suas especificidades.

Mas continuando meu relato, ao conversar com a direção da escola percebi que não havia uma preocupação com a chegada das crianças para a adaptação. Preocupei-me com isso porque sei que a adaptação e a socialização inicial das crianças na escola são fases marcantes e também muito difíceis na vida delas, dos familiares e professores. Senti-me sozinha, sem alguém com quem pudesse conversar, trocar ideias e opiniões, e que pudesse me ajudar a pensar o trabalho pedagógico na Educação Infantil, isso porque ali não haviam outros professores que atuavam nessa etapa, e ninguém da equipe diretiva poderia me orientar porque diretora e coordenadora também não conheciam as especificidades do trabalho pedagógico com as crianças pequenas. Por isso, questões referentes à adaptação, por exemplo, não eram observadas pela equipe diretiva, mesmo sendo esta um dos direitos das crianças pontuados no documento “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças”, de Campos e Rosemberg (2009).

Ao tomar conhecimento da proposta pedagógica da escola, constatei que nela não havia nenhuma orientação acerca de como deveria ser o trabalho com as crianças daquela idade, somente existia o objetivo da Educação Infantil. Isto me deixou sem orientação sobre o trabalho a ser desenvolvido com as crianças, já que para mim, além de ser um desafio trabalhar com turma multietária na Educação Infantil, também era um desafio realizar um trabalho pedagógico que viesse ao encontro das necessidades, dos desejos e interesses daquelas crianças do campo.

Ao longo daquele ano organizei meu trabalho a partir do interesse das crianças, do que elas traziam durante a roda de conversa, e pela expressão de suas necessidades e curiosidades, favorecendo assim a realização de atividades pedagógicas em consonância com a realidade vivida pelas crianças.

Apesar da ausência de uma proposta pedagógica para a Educação Infantil nesta escola, não me faltou determinação e empenho em buscar meios para sanar esta falta. Procurei trocar experiências com professores de outras escolas e realizei pesquisas em livros e internet sobre o tema. Na escola, nesse sentido, eu realizava um trabalho solitário, mas sempre pude contar com o apoio da equipe diretiva para o desenvolvimento dos projetos e trabalhos.

No ano seguinte, em 2013, propus que fizéssemos uma fala com as famílias das crianças no início do ano letivo, para destacar como acontece esse processo de adaptação e socialização, o que foi aceito pela direção. Nesta reunião, pude contar com a fala de uma psicóloga, que falou sobre as especificidades desta faixa etária e sobre a importância de realizar uma adaptação colaborativa e segura.

Com base em meus estudos e nas minhas experiências como educadora, nesse momento comecei a sentir a necessidade de buscar realizar um trabalho mais eficaz dentro da escola que contribuísse para que os segmentos dela compreendessem e apoiassem uma proposta de trabalho que contemplasse a Educação Infantil, compreendendo a infância e suas especificidades.

Ao mesmo tempo, embora eu fizesse um trabalho voltado às interações e brincadeiras com a turma da Educação Infantil, percebia que as vivências das turmas dos Anos Iniciais estavam muito atreladas à aprendizagem de conteúdos específicos das áreas do conhecimento e de maneira pouco lúdica, e me questionava: porque, à medida que as crianças vão da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, a cada ano diminui-se os espaços e tempos de brincar, causando certa ruptura na passagem da Educação Infantil para os Anos Iniciais? Isso tudo me preocupava, pois os direitos dessas crianças acabavam assim não sendo garantidos, mostrando que não havia uma continuidade do trabalho que era realizado na Educação Infantil, e que após o término desta, iniciavam uma nova etapa com seus métodos e rotinas bem diferentes do que estavam vivenciando na Educação Infantil.

Passei então a propor na escola integrações com as outras turmas para que as crianças das demais turmas pudessem brincar juntas, a fim de garantir esse espaço de brincadeira para todas as crianças.

Sabe-se que a brincadeira é uma linguagem da criança e é importante que esteja presente na escola desde a Educação Infantil e no decorrer do Ensino Fundamental, para que a criança possa se colocar e se expressar através de atividades lúdicas. Segundo Kishimoto:

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da

imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010, p.1).

O trabalho com interações diferenciadas e brincadeiras exige planejamento e organização, porém, na maioria das vezes percebia que o grupo de professores esperavam de minha parte a iniciativa de planejar todas as propostas, entendendo que cabe aos educadores da Educação Infantil o trabalho mais criativo e dinâmico. Isso tudo passou a me preocupar e inquietar mais ainda.

Em meio a tantas preocupações com a Educação Infantil, recebi um e-mail de uma amiga falando sobre o Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil ofertado pela Universidade Federal de Santa Maria, que teria no município de Ijuí um de seus pólos. Estava aí a oportunidade de saber mais sobre as crianças, sobre a docência na Educação Infantil e, principalmente, a oportunidade de ajudar mais a minha escola nessas demandas.

Iniciei o curso no ano de 2014 e, ao longo das aulas, fui aprendendo não só teorias, conceitos sobre a Educação Infantil, mas também a pensar sobre as crianças e como constituem suas vivências e linguagens no âmbito escolar. Aprendi que as linguagens permeiam o trabalho na Educação Infantil, e que as interações e brincadeiras constituem os eixos norteadores da ação pedagógica junto às crianças.

Fui então levando esses novos conhecimentos à minha turma e à escola, e todos começaram a aprender coisas comigo, inclusive e principalmente a equipe diretiva. Meus colegas – dentre direção, coordenação, professores e funcionários – desconhecem como deve ser o trabalho pedagógico na Educação Infantil<sup>2</sup>, e por isso eles mesmos não têm como defendê-la na escola. E ainda, por desconhecerem as especificidades da infância, acabam não percebendo a importância da continuidade deste trabalho nos Anos Iniciais.

Assim, fui aprendendo mais com o curso e conseguindo aos poucos dar mais visibilidade ao trabalho com a Educação Infantil na minha escola, sempre buscando alternativas para os desafios que surgiam.

---

<sup>2</sup> O que pode ser verificado a partir da formação e áreas de atuação da equipe, conforme tabela 1.

### **3 DAS MINHAS PREOCUPAÇÕES E INQUIETAÇÕES À ELABORAÇÃO DE UM PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA: OS PASSOS DA PESQUISA E A BUSCA DE CONTRIBUIR COM A ESCOLA**

Este ano (2016) nossa escola recebeu, da Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, a tarefa de reelaborar nossa proposta pedagógica. Para esta construção, seriam necessários estudos, análises e reflexões sobre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, para assim escrever uma nova proposta. Através de encontros de formação e reuniões, deveríamos realizar tal construção.

Para os estudos, a Coordenadoria de Educação do Estado enviava materiais digitais (apresentações) com materiais teóricos para discutirmos nas formações. Contudo, foi apenas na primeira formação que tivemos algo relacionado à Educação Infantil: conhecer a história da criança e da infância com base no autor Àries (1981). Na ocasião, após realizarmos a leitura do material enviado pela Coordenadoria, fomos dada a tarefa de escrever a concepção de infância e criança que temos na nossa escola.

Preocupe-me com o fato de não ter nenhum outro material próprio da Educação Infantil para discutirmos, e na formação seguinte já iniciamos a discussão de outros temas, sem ligação com os anteriores, e com ênfase no Ensino Fundamental. Fiquei muito desapontada com isso e realizei minha própria busca de materiais que enriquecesse meus estudos. Mas esse fato mostra um pouco do desafio que é ser uma professora de Educação Infantil em uma Escola Estadual do Campo. Me senti desamparada e sem um norte para me orientar e contribuir para minha formação, mas entendo que como educadores temos que ser eternamente estudantes, para podermos nos aperfeiçoar e oferecermos uma educação de qualidade para as crianças.

Então pensei em todos os problemas que enfrentamos na escola com relação a Educação Infantil, e decidi tomar a iniciativa de – caso a Direção me autorizasse - organizar mais formações para que pudéssemos, toda a escola, estudar e conhecer mais sobre a Educação Infantil. Eu precisava discutir (e apresentar!) mais sobre a especificidade dessa etapa com meus colegas. Assim, seria necessário levar outros materiais teóricos para ampliar a discussão.

Percebi então que este era o momento de fortalecer a proposta da Educação Infantil na escola com meus colegas e toda a comunidade escolar, buscando que

todos compreendessem a especificidade do trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil, e também assim – ao olhar para as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e para os Direitos das Crianças (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009), em especial para a importância das interações e brincadeiras - ajudar a escola a perceber em conjunto que muitas vezes alguns direitos das crianças não estão sendo garantidos, principalmente na continuidade do Ensino Fundamental, o que precisa ser revisto urgente.

Nesse momento refiz meu Plano de Ação do Curso, que até então era outro, pois estava procurando alguma estratégia para lutar pela permanência da Educação Infantil na escola. Com a designação aos municípios da responsabilidade em oferecer atendimento da Educação Infantil e devido ao baixo número de crianças menores de 6 anos na escola, cogitou-se encerrar o atendimento a esta etapa na escola estadual e matricular as crianças na escola municipal. Mas com as reivindicações das famílias em conjunto com a direção e professores, bem como a necessidade de transporte especial devido à distância significativa das residências rurais até a escola urbana, não houve a interrupção no atendimento. Mas nosso medo continuou...

Naquele momento então percebi que para que todos lutassem comigo, era necessário que primeiro todos compreendessem a importância da Educação Infantil, para daí então avançar na luta por ela. Afinal, sem considerá-la importante, provavelmente poucos se envolveriam na luta, ou se envolveriam sem saber ao certo o porquê.

Meu propósito então, com meu novo Plano de Ação, passou a ser fortalecer a proposta pedagógica para a Educação Infantil na nossa escola para que todos (re)conhecessem a especificidade do trabalho pedagógico nessa etapa, para que os direitos de todas as crianças na escola pudessem ser garantidos, e quiçá o Ensino Fundamental se inspirasse na Educação Infantil para realizar o seu trabalho junto às crianças. Penso que todos precisam conhecer, enquanto escola, o trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil, para que se possa dar continuidade a este trabalho nos Anos Iniciais.

Assim, tomando como ponto de partida o fato de que na escola há uma turma de Educação Infantil, com alunos de Pré I e II juntos, uma professora (no caso, eu) e a necessidade de que todos aqueles que atuam nesta escola, a saber, direção, coordenação, professores e funcionários, bem como a comunidade em geral, conheçam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL,

2010) para compreender, escrever e defender a proposta pedagógica da escola para esta etapa; e considerando também a necessidade de que todos (re)conheçam os direitos das crianças para que possam atuar, ao longo do Ensino Fundamental, dando continuidade ao trabalho desenvolvido na Educação Infantil e, ao mesmo tempo, respeitando os direitos das crianças, apresento como objetivo geral desta pesquisa:

→ Fortalecer a Proposta Pedagógica para a Educação Infantil da Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X, para que a comunidade escolar possa compreender e defender tal proposta e a permanência da Educação Infantil nesta escola, que é uma Escola do Campo.

É de suma importância compreender que a permanência da Educação Infantil na Escola São Pio X faz-se necessária para que as crianças frequentem essa etapa em uma escola próxima de suas residências, em área rural, num espaço em que as mesmas se identifiquem. Nesse sentido, o poder público precisa também reconhecer esta necessidade e apoiar a escola, incentivando a realização de um trabalho pedagógico que considere as especificidades do campo e os direitos das crianças. E minha pesquisa vem colaborar nesta luta, trazendo como justificativa para a permanência da Educação Infantil nesta escola a importância da mesma em termos de qualidade, pois visa a construção de conhecimentos que façam parte do contexto vivido pelas crianças.

Para alcançar o objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

→ Apresentar e discutir, junto à comunidade escolar, sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e os Direitos Fundamentais das Crianças (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009);

→ Ampliar a compreensão da comunidade escolar acerca da especificidade do trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil;

→ Refletir com a comunidade escolar sobre as especificidades do trabalho pedagógico realizado na nossa escola, considerando o fato dela ser uma Escola do Campo;

- Compreender, enquanto escola, a importância das brincadeiras e interações no processo educativo das crianças;
- Inspirar os professores do Ensino Fundamental a, em seu trabalho pedagógico, buscarem referências no trabalho desenvolvido na Educação Infantil, especialmente no que tange às brincadeiras e interações.

Essa pesquisa, portanto, tem caráter qualitativo e visa abrir espaços para uma investigação flexível, com o intuito de aproximar-se cada vez mais das singularidades e das vivências dos participantes, optamos por realizar encontros formativos com os participantes para a construção dos dados da pesquisa, uma vez que esse tipo de formação permite ao pesquisador momentos de interação com os pesquisados. Desse modo, o pesquisador pode se colocar como sujeito da ação, ou seja, pode “conversar” com os envolvidos na pesquisa sobre o tema desta, bem como sobre os seus fundamentos teóricos.

Ainda conforme Bogdan; Biklen (1994), a metodologia fundamentada em uma abordagem qualitativa permite ao pesquisador aprofundar-se na experiência, nas ações e nas interlocuções da vida cotidiana, buscando interagir com a subjetividade, com o processo, com as significações das informações. Sendo assim, os instrumentos investigativos foram pensados com a finalidade de atingir os objetivos da pesquisa e de permitir à investigação o viés qualitativo, tais como encontros formativos.

A partir das características já mencionadas ao longo do texto, esta pesquisa é do tipo Pesquisa-Ação pelo fato de ter como objetivo organizar uma ação dentro da escola com o objetivo de gerar mudanças nas questões aqui apresentadas. Segundo Thiollent (1985, p. 14):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Tendo então clareza dos objetivos propostos, era chegada a hora de organizar os passos da pesquisa. Inicialmente conversei com a diretora da escola, entreguei a carta de apresentação e apresentei minha proposta de Plano de Ação, que foi aceita pela direção.

Em outro momento, por ocasião de uma reunião do coletivo, realizei uma conversa com o grupo de professores e funcionários para pedir a colaboração destes para a realização e concretização de minha pesquisa. Os mesmos concordaram em colaborar.

A partir daí, organizamos o planejamento das formações que consistiriam, a princípio, em três encontros que aconteceriam à tardinha. Para os encontros planejamos o estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), do documento “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009), e dos textos “Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil (KISHIMOTO, 2010), “O brincar como um modo de ser e estar no mundo” (BORBA, 2006) e “A infância e sua singularidade” (KRAMER, 2006).

Para promover as discussões selecionamos fragmentos dos textos, charges, fotos, vídeos e montamos apresentações. A ideia era que o grupo conhecesse as especificidades do trabalho pedagógico na Educação Infantil e, a partir disso, refletisse sobre a importância de garantir, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, os direitos das crianças, com foco nas brincadeiras e interações.

Durante esse processo eu começaria a escrever a parte da Proposta Pedagógica para a Educação Infantil e, no último encontro, todos ajudariam a concluir o texto.

Com relação à participação das famílias, solicitei à direção autorização para convidar a comunidade externa para participar das formações conosco, mas fui orientada por esta a convidar as famílias em um momento posterior, para apresentação e discussão da proposta quando esta já estivesse reformulada.

No primeiro encontro então apresentei, e nós discutimos sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e sobre os direitos fundamentais das crianças (CAMPOS; ROSEMBERG; 2009). Os participantes expuseram suas opiniões e dúvidas sobre o trabalho pedagógico na Educação Infantil e discutimos com relação a como a escola estava organizada para respeitar os direitos das crianças.

Ao final desse primeiro encontro, quando questionei o grupo sobre os melhores dias e horários para as próximas formações, estes me disseram que não havia mais nenhuma formação prevista no primeiro semestre e me pediram para não fazerem nada além do que estava previsto no calendário. Fiquei espantada com a resposta,

pois poderia retomar a discussão apenas no segundo semestre. Então, como tínhamos a necessidade de escrever a proposta, solicitei ao grupo que participassem de pelo menos uma formação ainda no primeiro semestre, para que nesta eu pudesse apresentar o texto que eu havia escrito para a proposta, para discutirmos. O grupo concordou.

Escrevi então a proposta<sup>3</sup> e entreguei o arquivo à coordenação da escola para que projetasse no momento da formação para discutirmos. Contudo, quando o arquivo foi aberto, estava lá apenas o objetivo, e não o texto completo que eu havia escrito. Perguntei então porque não havia sido colocado todo o texto e me responderam que ele era muito grande e que a Coordenadoria de Educação havia solicitado apenas o objetivo. Desconsideraram o que eu havia feito e a Proposta virou algo apenas para cumprir a determinação da CRE.

Então eu imprimi o texto que eu havia escrito e entreguei um para cada pessoa da escola ler e dar suas contribuições e sugestões. Infelizmente ninguém deu nenhuma sugestão.

Assim, infelizmente não pude aprofundar mais, naquele momento, os elementos para a construção da proposta e discutir o que tinha planejado para as formações. Como sou a única professora na Educação Infantil da escola, concordei com a sugestão dos colegas e resolvi fazer sozinha a construção do texto para a proposta.

Senti-me desapontada com esta situação, mas ao mesmo tempo desafiada a mostrar para todos que a Educação Infantil está presente na escola e precisa ser vista e valorizada. Apesar de todo o meu empenho em elaborar o texto para a proposta, a coordenação da escola apenas colocou o objetivo para a Educação Infantil na mesma, justificando ser só este o exigido pela Coordenadoria de Educação.

---

<sup>3</sup> Escrevi um texto inicial para a proposta, que está nas considerações finais: o desafio continua. Este texto foi compartilhado com meus colegas da escola e, no segundo semestre, a ideia é retomá-lo para complementar essa escrita junto à comunidade escolar. O texto é breve, mas já é uma parte importante que não estava contemplada na proposta anterior.



Figura 1 – Encontro formativo realizado na EEEF São Pio X  
Fonte: Arquivo pessoal

Participaram deste estudo a diretora, a coordenadora, professores e funcionários da Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X. Nos dois encontros contei com a participação de 10 participantes; em ambos estava o mesmo grupo. Na tabela abaixo apresento os participantes da pesquisa, identificados com nomes fictícios, a formação e área de atuação de cada um.

NOME FICTÍCIO	FORMAÇÃO	ÁREA DE ATUAÇÃO
CARMELA	Especialização em Supervisão Escolar	Professora
FRANCISCA	Especialização em Português	Professora
ANTONIETA	Licenciatura em Matemática	Direção
ROSA	Especialização em Psicopedagogia	Professora
CATARINA	Licenciatura em Pedagogia	Professora
ANTÔNIA	Licenciatura em História	Agente Educacional II
FÁTIMA	Ensino Médio	Agente Educacional I

<b>MARIA</b>	Especialização em Supervisão Escolar	Coordenação Pedagógica
<b>LÚCIA</b>	Ensino Médio	Agente Educacional I
<b>VERÔNICA</b>	Especialização em Gestão e Organização Escolar	Professora
<b>GLÓRIA</b>	Licenciatura em Letras - Inglês	Professora

Tabela 1 - Relação dos participantes da pesquisa.  
 Fonte: Dados publicados no RH da Secretaria Estadual de Educação/ RS, junho de 2016.

Nos capítulos que seguem, escrevo articulando os estudos que realizei ao longo desse processo, com os resultados da pesquisa que puderam ser construídos nesses únicos dois encontros que realizamos.

### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA E A EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO

A educação é vital na vida dos seres humanos, uma vez que possibilita o acesso a várias informações, a construção de conhecimentos, conduzindo a busca de novos caminhos para a compreensão das ações humanas na sociedade. A educação ofertada no espaço escolar não é simplesmente uma oportunidade de descoberta, mas é um direito social do indivíduo garantido por lei e deve atender às peculiaridades do grupo ao qual se dirige, seja este do campo ou da cidade, seja ele de crianças, adolescentes, jovens ou adultos.

Quando falamos em educação do campo, falamos de uma proposta educativa integrada ao desenvolvimento dos agricultores do campo. O empenho por uma política pública de Educação do Campo que assegure a construção de uma proposta educativa para as Escolas do Campo, voltado para a valorização da terra, do trabalho, da cultura e dos saberes, nos últimos anos vem ganhando força e abrindo novos caminhos. Em vista disso, a Escola do Campo mostra-se com um novo pensar e fazer pedagógico ligado às necessidades dos sujeitos do campo.

As discussões sobre a Educação do Campo são recentes, mas relevantes, no sentido de contemplar as especificidades do povo do campo. A Resolução nº2, de 28 de abril de 2008, vem mostrar quem faz parte da Educação do Campo:

Art. 1º A Educação do Campo compreende a Educação Básica em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio e destina-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida – agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros. (MEC/CNE/CEB, 2008, p.1).

Pensando nas crianças filhas de agricultores, pertencentes às famílias do campo, é necessário enfatizar que esses sujeitos do campo possuem uma cultura própria, um modo de viver e de trabalhar, por isso, o conhecimento, a identificação, o respeito e o reconhecimento da diversidade sociocultural dessas crianças são fundamentais.

A educação faz parte da vida, e a escola deve ser um espaço de socialização e de troca desses saberes; por isso, compreender a identidade de uma escola do campo, conhecer o contexto no qual ela está inserida, torna-se essencial, ponto de partida para o educador na realização de sua atividade docente, e também às crianças que deste meio fazem parte.

É importante que a Escola do Campo desempenhe o seu compromisso de educar para além das suas paredes, para isso, é fundamental expandir espaços de estudo e discussão sobre a Educação do Campo, mas é também preciso buscar novos tempos e espaços de aprendizagem dentro e fora da sala, proporcionando diálogo entre os saberes do campo e os saberes escolares.

Assim, pensar a Educação do Campo é pensar em uma educação que observa o direito que uma população tem de pensar e agir no mundo a partir do lugar onde vive, ou seja, da sua terra e da sua realidade. Ressalta Leal que, “o direito a frequentar uma creche e uma pré-escola de qualidade passa a ser estendido a todas as crianças, independentemente da vinculação de classe ou geográfica”. (LEAL, 2013, p.16).

As Escolas no Campo encontram-se organizadas em turmas seriadas e multisseriadas, em pequenos ou grandes espaços, longe ou perto das cidades. Esses espaços são muito diversos, mas as propostas pedagógicas das Escolas do Campo devem fundamentar-se pelos seguintes princípios:

I – respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;

II – incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos, específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;

III – desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção social da vida no campo;

IV – valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

V – controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. (BRASIL, 2010).

É nesse contexto que a Escola São Pio X está incluída, por ser uma escola situada no campo. Cabe aqui, também, contextualizar histórica, social e temporalmente esta escola.



*Figura 2 – Canteiro de garrafa pet construído pelos alunos e professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X*  
Fonte: Arquivo pessoal

A presente pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X, situada na localidade de Vila Salto, interior do Município de Bozano/RS. A escola foi construída em um terreno doado pela família de Miguel Zambra e fundada

no ano de 1953<sup>4</sup>. Ela foi a primeira escola pública na sede da Vila Salto, concretizando um sonho das famílias, que se preocupavam com um espaço maior para melhor acomodar as crianças, e que fosse construída em local alto e bonito.

Na época, o nome da escola era Escola Reunidas de Salto; após, no ano de 1956, no dia cinco de janeiro, por Decreto Estadual nº 8680, o nome da escola foi alterado para Escola Rural São Pio X, em homenagem ao Papa São Pio X, e depois, devido à mudança de nomenclatura do Ensino, ela passou a se chamar Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X.

Cabe ressaltar que a base econômica dessa comunidade está alicerçada na agricultura familiar e nas atividades agrícolas, como o plantio de soja, trigo, batata, milho, mandioca, amendoim, entre outros, prioritariamente para a subsistência familiar. Neste contexto, a comunidade escolar que constitui o educandário é formada por famílias que têm no campo o seu meio de produção e trabalho.

Outro importante ponto a destacar foi o processo de nucleação da educação que aconteceu no interior do município de Bozano no ano de 1993, a partir do qual as escolas rurais das comunidades vizinhas foram integradas, passando todas a compor a Escola São Pio X. Portanto, ela tornou-se uma “Escola Pólo”, recebendo muitos educandos a partir do fechamento de seis pequenas outras escolas multisseriadas localizadas nas comunidades próximas. Dentre elas estão as escolas das comunidades de São Valentim, São Miguel, Rincão da Lage, Rincão dos Pinheiros, Saltinho e Santa Lúcia.

Com o processo de nucleação, o transporte escolar passou a percorrer as localidades, sendo oferecido gratuitamente pelo município às crianças, as quais são buscadas e deixadas em suas residências. O tempo em que as crianças ficam no interior dos veículos para irem à escola varia de 30 minutos a 1 hora.

Com o passar dos anos, constatou-se que a escola tinha um grande potencial. Ela tem uma área de 5 ha, dos quais 1,5 ha são ocupados pelos prédios, quadra de esportes, pátio, campo de futebol sete e 3,5 ha para produção, formados por 100 m<sup>2</sup> de horta, 360 m<sup>2</sup> de parreiral, 1600 m<sup>2</sup> de pomar, 900 m<sup>2</sup> de cana-de-açúcar. O restante, cerca de 3 ha, era ocupado para lavoura de soja, trigo, milho, milho pipoca, amendoim e girassol.

---

<sup>4</sup> Todas as informações sobre a escola apresentadas nesta monografia, foram retiradas do Histórico da Escola, presente em seu Projeto Político Pedagógico (2010).

Em função disso, iniciou-se o Projeto Agroecologia, em parceria com a EMATER/RS do município de Bozano, que buscava ensinar para as crianças tudo o que poderia ser produzido dentro de uma pequena propriedade, sempre respeitando o meio ambiente.

Com o tempo, a forma de trabalho foi sendo modificada. As crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, com suas professoras, passaram a organizar atividades relacionadas ao meio ambiente, por exemplo: plantio de árvores e flores, embelezamento e pintura do bosque, cultivo de verduras e legumes na horta, colheita e consumo de frutas do pomar, etc.

Os alunos dos Anos Finais foram distribuídos nos setores de pomar, horta, horto, lavoura e agroindústria, desenvolvendo atividades nesses espaços. As aulas desde então até hoje são semanais, porém os educandos fazem um revezamento mensal, tendo um planejamento de atividades que são organizadas por eles a serem desenvolvidas no setor, ou seja, a cada mês o grupo de alunos é orientado pelos professores de Técnicas Domésticas o que poderá melhorar ou continuar do trabalho nestes setores. Cabe ressaltar que essa disciplina foi inserida na grade curricular da escola no ano de 2005, quando adaptou uma nova organização do ensino. Essa disciplina é dirigida pelas professoras que estão a mais tempo na escola e que tiveram orientações dos técnicos da EMATER, sempre buscando levar o sujeito do campo a reconhecer-se como agente ativo na transformação de sua realidade, levando-o a refletir como ser autossustentável no meio rural.

Salientamos que na época do início do projeto a escola possuía um galpão velho de madeira onde eram desenvolvidas as atividades teóricas com os técnicos da EMATER. Em consequência do Projeto Agroecologia a escola ganhou um prêmio para a construção de um novo pavilhão.

O ano de 2005 marcou também outras conquistas importantes da escola, e uma das mais importantes foi o Parecer nº 214 da SEC (Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul), o qual autorizou o funcionamento da Educação Infantil, nível pré-escola, para crianças de 4 a 5 anos e 11 meses nesta escola. A definição trazida neste documento garantiu os direitos das crianças daquela localidade de frequentarem a Educação Infantil permanecendo no campo.

Entretanto, o assunto que se coloca em questão é “por que” e “como” garantir esse direito de ofertar a Educação Infantil nas Escolas do Campo. Na prática, são

muito poucos os investimentos nesse sentido, principalmente para o ensino público do campo.

Acerca da oferta de Educação Infantil no campo, ressalta-se que o § 5º do Art. 5º das DCNEI's determina que as vagas de creche e pré-escola devam ser oferecidas próximas à residência das crianças (BRASIL, 2010). Assim como, na perspectiva da Educação do Campo, a escola deve estar inserida onde vivem as crianças, e sua proposta pedagógica deve ser voltada para o sujeito-criança do campo. Conforme afirma Barbosa:

Na faixa etária dos 4 e 5 anos é possível observar que 96,0% das famílias demandam vagas para suas crianças. Esta ampla demanda sugere que há um reconhecimento explícito das famílias brasileiras residentes em áreas rurais de que as crianças devem frequentar a pré-escola, fato que confirma a meta da universalização da Educação Infantil para as crianças de 4 a 5 anos de idade, até 2016, definida pelo PNE. (BARBOSA, 2012, p.85).

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2010) reconhecem a importância do respeito à diversidade às famílias do campo, quando normatiza que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil das crianças filhas de agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, povos da floresta, devem:

- I – reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais;
- II – ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como as práticas ambientalmente sustentáveis;
- III – flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças quanto à atividade econômica dessas populações;
- IV – valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural;
- V – prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade (BRASIL, 2010, p.24).

A esse respeito, em um dos encontros realizados com o grupo da escola para o diálogo acerca da proposta da nossa escola para a Educação Infantil, essa normativa nacional, tal como aqui foi apresentada, também foi exposta ao grupo da escola. Este foi um momento em que todos manifestaram certa surpresa – e alguns, inclusive, acharam graça – por não saberem da existência de uma normativa nacional para a Educação Infantil do Campo, e nem de que neste contexto havia tanta diversidade. Alguns professores comentaram que desconheciam a normativa e

ficaram interessados em saber mais sobre a mesma, participando mais como ouvinte, no entanto, sem estabelecer um diálogo.

Na hipótese de levantar dados sobre o que pensavam sobre a Educação Infantil do Campo, observo que dados apontados, em 2005, pelo Ministério da Educação, afirmam que:

As crianças de 0 a 6 anos do campo encontram-se praticamente excluídas da educação infantil. Os indicadores nacionais evidenciam a desigualdade de acesso e a praticamente inexistência de instituições no caso do segmento de 0 a 3 anos de idade. Enquanto que na população infantil urbana a taxa de frequência à creche, de acordo com a PNAD 2008, era de 20,52%, nos territórios rurais era de 6,83%. Para as crianças de 4 e 5 anos, as porcentagens eram de 63,37 e 42,66 respectivamente. Mais especificamente nas áreas de reforma agrária, a realidade das crianças assentadas em 2005 era a seguinte: 0,1% frequentam creche familiar ou informal; 0,8% frequentam creche organizada como escola; 5,1% frequentam pré-escolas e 2,3% frequentam classes de alfabetização. A Pesquisa Nacional da Educação na Reforma Agrária apontava ainda que apenas 3,5% das instituições educacionais do campo possuíam atendimento para crianças de 0 a 3 anos. (LEAL, 2013 p.8).

No que se refere à sua estrutura física, a escola possui energia elétrica, sistema de esgoto e água encanada. A instituição conta ainda com: sala da direção, sala dos professores, salas de aula, secretaria, laboratório de informática, biblioteca, pavilhão para eventos, quadra de esportes, parque infantil, cozinha, refeitório, banheiros e galpão de madeira. Além dessa estrutura física, a escola conta, ainda, com alguns recursos digitais e audiovisuais como internet, máquina fotográfica, data show e som.

A EEEF São Pio X possui atualmente 15 profissionais, incluindo 12 professores, uma secretária, uma funcionária de serviços gerais e uma merendeira. Na escola estão matriculados 65 alunos, divididos em 11 turmas (multietárias), que vão da Educação Infantil (Pré A e Pré B) ao 9º ano, distribuídos conforme a tabela 2.

TURMAS	NÚMERO DE ALUNOS	TIPO DE ORGANIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
<i>Educação Infantil</i>			

<b>Pré A e Pré B</b>	06	Multietárias (nível A e B, 4 e 5anos)	Atendidos por um professor
<i>Anos Iniciais</i>			
<b>1º e 2º ano</b>	11	Multisseriada	Atendidos por um professor
<b>3º ano</b>	07	Seriado	Atendidos por um professor
<b>4º e 5º ano</b>	13	Multisseriada	Atendidos por um professor
<i>Anos Finais</i>			
<b>6º ano</b>	07	Seriado	Currículo por disciplina*
<b>7º ano</b>	10	Seriado	Currículo por disciplina
<b>8º e 9º ano</b>	12	Multisseriada	Currículo por disciplina
<b>Total</b>	<b>66</b>		

Tabela 2 - Relação das turmas com o número de alunos e o tipo de organização das classes da EEEF São Pio X em junho de 2016

Fonte: Dados publicados, controle interno da Secretaria da EEEF São Pio X, junho de 2016.

\* Diversas Áreas do Conhecimento

O pouco número de alunos deve-se ao número reduzido de famílias que permanecem no campo, bem como pela quantidade menor de filhos por família. Portanto, a escola tem o desafio de organizar um trabalho diferenciado que contemple as turmas multietárias e colabore com um ensino que incentive à continuidade dos estudos, mas sem o abandono do campo.

Nesse sentido, o processo educativo precisa ser pensado como experiência que atinja todas as dimensões do sujeito: afetiva, social, expressivo motora, econômica, política, estética, cultural, cognitiva, ambiental, ética, que aborde a vida como um todo.

Por isso mesmo, as escolas do campo necessitam de docentes preparados para lidar com as demandas que são próprias e significativas para a vida do campo, exigindo um novo olhar e uma nova postura para os objetivos, metodologias e

propostas para as crianças. Em função disso, o professor-educador deve se preocupar com a formação humana das crianças, envolver-se na vida cotidiana da comunidade, buscando apoiar-se em ações voltadas para a sustentabilidade das famílias e o bem comum da coletividade. O educador do campo é um semeador de alegrias e de sonhos.

Mas os desafios para a educação dos povos do campo ainda são muitos:

A Educação dos povos do campo, tratada na legislação educacional como educação rural, sempre foi diferenciada, implementada como algo episódico, objeto de campanhas, programas, projetos esparsos e pontuais a cada governo, sem continuidade nos governos seguintes, geralmente sem preocupação com a realidade do campo e suas especificidades. (BATISTA, 2008, p. 26 apud BARBOSA, 2012, p. 113).

A citação acima vem confirmar as preocupações em relação à valorização da Educação do Campo. As políticas públicas aos poucos têm se dado conta do quanto é importante a permanência da Escola do Campo. Por várias vezes a Escola São Pio X esteve com o atendimento da Educação Infantil em risco; devido as poucas crianças de até seis anos que a frequentavam, cogitou-se que o atendimento poderia se dar na Escola Municipal.

Nesse sentido, é preciso que a Educação do Campo seja concebida como uma ação política que entende que os povos do campo têm o direito de terem escolas nos lugares onde vivem e que eles são sujeitos que com sua participação demandam e propõem um projeto de educação vinculado à sua cultura e às necessidades humanas e sociais.

Por isso percebo a necessidade de um maior reconhecimento e respeito às diferenças culturais e locais, de comunidade para comunidade. Não é possível aceitar modelos universalmente impostos que desrespeitam as identidades dos diversos sujeitos sociais que vivem no campo.

Somente a lei em si não garante que a Escola do Campo tenha seus direitos garantidos, é preciso uma mobilização de toda a sociedade, pois a urbanização do campo tem se intensificado e o mesmo tem perdido cada vez mais suas características próprias. Está aí então o grande desafio de todos os envolvidos no processo educativo.

## 4 A PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL E AS ESPECIFICIDADES DAS CRIANÇAS

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, em seu artigo 12, inciso I, prevê que, “os estabelecimentos de ensino, respeitados as normas comuns e as do seu sistema de ensino, tem a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica” (BRASIL, 1996, p.5). Entende-se então que a proposta pedagógica é uma forma concreta da comunidade escolar planejar a organização da escola, evidenciando os objetivos que esta comunidade tem para etapa/modalidade atendidas.

É nesse documento que toda a comunidade expõe seus interesses, desejos e suas propostas, sendo um importante instrumento para a construção da identidade daquela etapa e daquela escola.

Nesse sentido, Salles e Faria (2012, p.20) afirmam que este documento:

É a busca da construção da identidade, da organização e da gestão do trabalho de cada instituição educativa. O projeto reconhece e legitima a instituição educativa como histórica e socialmente situada, constituída por sujeitos culturais que se propõem a desenvolver uma ação educativa a partir da unidade de propósitos. Assim são compartilhados desejos, crenças, valores, concepções que definem os princípios da ação pedagógica e vão delineando, em um processo de avaliação contínua e marcado pela provisoriedade, suas metas, seus objetivos, suas formas de organização e suas ações. (SALLES; FARIA. 2012. p.20).

A construção da proposta pedagógica surge da necessidade de organização da escola, para que ela cumpra o seu papel de instituição formadora, responsável pelo desenvolvimento social, crítico, reflexivo da criança, por meio da educação. Isso se dará através da construção coletiva, ou seja, a participação ativa de todos os envolvidos na gestão escolar (direção, coordenação, professores, funcionários, comunidade, famílias e crianças).

No entanto, há um passo inicial que é fundamental na elaboração de qualquer proposta: considerar que há uma normativa nacional que rege o trabalho pedagógico a ser desenvolvido em cada etapa/modalidade de ensino e que precisa ser tomado como referência na escrita de qualquer proposta, ou seja, que a proposta da escola será formulada respeitando-se as orientações das normativas nacionais existentes. No caso da Educação Básica há o Documento “Diretrizes Curriculares Nacionais para

a Educação Básica” (BRASIL, 2010) que aponta as normativas para toda a Educação Básica.

O Parecer 20/2009, que trata da Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, assim define Proposta Pedagógica:

A proposta pedagógica, ou projeto pedagógico, é o plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para o desenvolvimento dos meninos e meninas quem nela são educados e cuidados, as aprendizagens que se quer promovidas. Na sua execução, a instituição de Educação Infantil organiza seu currículo, que pode ser entendido como as práticas educacionais organizadas em torno do conhecimento e em meio às relações sociais que se travam nos espaços institucionais, e que afetam a construção das identidades das crianças. Por expressar o projeto pedagógico da instituição em que se desenvolve, englobando as experiências vivenciadas pela criança, o currículo se constitui um instrumento político, cultural e científico coletivamente formulado. (BRASIL, 2009, p. 6).

A Proposta Pedagógica da Escola investigada nesta pesquisa não possuía um referencial orientador da ação pedagógica e atuação do professor em sala. Antes da reformulação que fiz, somente existia o objetivo para a Educação Infantil, como descrevo:

A Educação Infantil tem o objetivo de cuidar e educar a criança para o desenvolvimento das potencialidades físicas, sócias afetivas e intelectuais, respeitando as características de sua faixa etária, oferecendo assim oportunidades para a construção do conhecimento, da autonomia, do senso crítico e da socialização através da pesquisa, investigação, troca de experiências e resgate de valores. (PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA EEEF SÃO PIO X, 2010, p. 21).

Então, houve a necessidade de realizar a reformulação da proposta pedagógica da escola. Para elaborar uma Proposta Pedagógica para a Educação Infantil é essencial compreender a infância e reconhecer a criança enquanto sujeito histórico e social, isso significa pensar no universo infantil, considerando que a criança constrói o conhecimento através do encontro com os seus pares: o adulto, a criança, a vivência e a observação do mundo, ou seja, através das interações e das brincadeiras.

A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre

o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura. (BRASIL. CNE/CEB. 2009. p. 6).

O objetivo da proposta é colocar a criança como centro do processo educativo, onde a mesma é vista como sujeito de direito ao cuidado e à educação. O educar e o cuidar devem caminhar juntos, considerando de forma democrática as diferenças individuais e, ao mesmo tempo, a natureza complexa da criança.

Pensar em currículo é pensar sobre o conjunto das práticas pedagógicas a serem realizadas com as crianças da Educação Infantil. Nesse sentido, o currículo é assim definido no Parecer 20/2009:

[...] um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL. CNE/CEB. 2009. p.1).

Assim, organizar o currículo é apontar as experiências, os saberes, os conhecimentos, os valores das crianças e apresentar propostas para a ampliação destes.

Sabendo que tudo no ambiente escolar exerce influências na educação da criança, dentre eles a organização dos ambientes, as cores, a disposição dos móveis e materiais da sala, o refeitório, os banheiros, o espaço externo, destaca-se que pensar na organização dos espaços na Educação Infantil é essencial, pois desenvolve potencialidades e propõe novas habilidades cognitivas, motoras e afetivas.

Mesmo que, dentro da sala de atividades, o espaço seja restrito, é importante organizá-lo, de forma a possibilitar a autonomia, a auto-organização e as interações entre as crianças e delas com o professor. [...] Nos espaços, externos é muito importante que as crianças tenham contato com os diversos elementos da natureza, podendo observá-los, experimentá-los e transformá-los. (SALLES; FARIA, 2012, p.35).

Deste modo, o Parecer CNE/CEB nº20/2009, que revisa as Diretrizes, apresenta que no planejamento e desenvolvimento do trabalho, deve haver um equilíbrio nos momentos vivenciados, de modo a respeitar os ritmos individuais da criança. Assim, o documento afirma que:

[...] o planejamento curricular deve assegurar condições para a organização do tempo cotidiano das instituições de Educação Infantil de modo a equilibrar continuidade e inovação nas atividades, movimentação e concentração das crianças, momentos de segurança e momentos de desafio na participação das mesmas, e articular seus ritmos individuais, vivências pessoais e experiências coletivas com crianças e adultos. (BRASIL. CNE/CEB. 2009. p.12).

Para dispor de tais atividades no tempo é fundamental organizá-las tendo presentes às necessidades biológicas das crianças como as relacionadas ao repouso, à alimentação, à higiene, dentre outras. Contudo, respeitar o ritmo e o tempo da criança requer compreender que não é preciso e nem respeitoso para com elas obrigar-lhes a fazer algo em um momento em que elas não querem, com a justificativa de que aquele momento é para todos.

Como exemplo a hora do sono, que não há necessidade e nem deve haver um momento específico para isso, pois as crianças têm necessidades e interesses diferentes, e que deve dormir quando ela sente sono, e não ser forçada a dormir em um horário qualquer. Cabe ressaltar que esse é um direito de cada criança que deve ser respeitado e que as propostas das escolas devem respeitar esse princípio.

O processo de adaptação da criança é outro momento que deve ser bem planejado pela instituição e que também deve partir do princípio de respeito ao tempo e às singularidades de cada criança. Este é um período muito delicado, durante o qual deve-se proporcionar à criança um ambiente agradável e acolhedor com atividades lúdicas e prazerosas, as quais aliviem o angustiante processo de separação vivido pela criança, e que incentive a sua individualidade e a socialização, como músicas e danças, jogos e brincadeiras, histórias, dentre outras.

A avaliação na Educação Infantil - outro ponto que é necessário discutir na proposta pedagógica - requer diferentes formas de registros que possam constituir uma documentação que registre de várias maneiras o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança e que auxiliem o professor, as crianças e as famílias a construir uma visão do processo educativo vivenciado por ela. Conforme Salles e Faria:

Na Educação Infantil, de acordo com a legislação, a avaliação não tem como objetivo a promoção, devendo ser contínua, processual e coletiva, garantindo-se, para tanto, vários momentos, várias formas e diferentes canais de participação dos pais e das crianças. (SALLES; FARIA. 2012. p.40).

É importante que todas as pessoas da escola conheçam a proposta da Educação Infantil, pois elas influenciam no modo de agir da criança, por isso as pessoas adultas precisam conhecer mais sobre o processo de desenvolvimento e aprendizagem nas crianças para compreenderem que todos têm um papel fundamental no processo da educação das mesmas.

O processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental também deve ser planejado e apresentado na proposta pedagógica da Instituição para garantir que o trabalho seja realizado de acordo com as peculiaridades desta etapa. Nas Diretrizes está indicado esse processo:

Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental. (BRASIL, 2010, p.30).

Por muito tempo as crianças foram desconsideradas enquanto sujeitos capazes e consideradas seres frágeis que necessitavam de cuidados, mas aos poucos percebeu-se que as mesmas possuíam capacidades para desenvolver diversas habilidades e competências.

Nesse sentido, o trabalho na Educação Infantil exige conhecimentos específicos e competência para integrar o cuidar e o educar com ênfase na aprendizagem e no desenvolvimento global da criança.

O cuidar e o educar são indissociáveis e devem ser trabalhados juntos, sem esquecermos de buscar o equilíbrio entre ambos, pois ao mesmo tempo em que cuidamos precisamos ter clareza de que estamos educando, e do mesmo modo, não há educação sem cuidado. Sabemos que as crianças precisam de cuidados, mas devemos também reconhecê-las como seres competentes e ativos da sociedade onde vivem e a qual ajudam a construir.

Durante a construção da Proposta Pedagógica para a Educação Infantil na Escola EEF São Pio X, através de sondagem com os professores, percebi que os mesmos possuem certa noção da importância do trabalho pedagógico na Educação Infantil, o que podemos perceber na fala de Maria<sup>5</sup>:

---

<sup>5</sup> Os participantes foram identificados com nomes fictícios de minha preferência, conforme tabela apresentada nas páginas 34-35.

*Essa etapa é necessária e fundamental à criança, pois é nessa fase que a criança aprende com maior facilidade tudo o que se ensina. É preciso oferecer um ambiente que desenvolva o aspecto físico, social, intelectual, emocional, permitindo o pleno desenvolvimento como criança capaz de interagir no ambiente em que vive.*

Outras professoras também afirmaram a importância da Educação Infantil por ela ser “[...] a base de todo um processo de aprendizagem” (Carmela) e também Francisca citou que “A educação Infantil é o primeiro contato de socialização da criança fora do espaço familiar, portanto, deve ser um lugar de aconchego, segurança, aprendizado”.

A relevância do trabalho na Educação Infantil já é assegurada, conforme cita o Parecer 20/2009:

Do ponto de vista legal, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A escola deve ser considerada como um espaço de amizades, respeito, convivências, no qual a criança pode se sentir confiante e segura. E nada melhor do que a escola estar no espaço que ela conhece e convive, que é o lugar onde reside. Assim, as crianças acabam adotando a escola como um espaço seu, pois faz parte do lugar e das pessoas com quem se relaciona.

É importante ressaltar que na medida em que os profissionais modificam suas formas de compreender a criança e as suas infâncias, acabam mudando suas formas de organizar o trabalho que será desenvolvido com elas na Educação Infantil. Müller (2010) afirma que a infância é uma categoria única, mas universal e singular ao mesmo tempo, pois a singularidade se dá porque as crianças são valorizadas nas suas necessidades e potencialidades individuais.

Diante disso, é importante que o trabalho da instituição esteja em consonância com as normativas nacionais para esta etapa, respeitando-se as características de cada criança e garantindo seus direitos.

#### **4.1 OS DIREITOS DAS CRIANÇAS, AS INTERAÇÕES E AS BRINCADEIRAS NA CENTRALIDADE DA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

Durante a organização dos estudos relacionados à (re)elaboração da proposta pedagógica, procurei selecionar temas que tinham maior necessidade de serem aprofundados com o grupo de professores, dentre eles os direitos das crianças e as interações e brincadeiras.

A criança é um sujeito de direitos e, na Educação Infantil, estes devem ser garantidos, por isso o conhecimento desses direitos é essencial para respeitá-los no processo educar/cuidar. Contudo, não apenas na Educação Infantil eles devem ser garantidos, mas ao longo dos primeiros anos do Ensino Fundamental também, tendo em vista que elas não deixam de ser crianças quando saem da Educação Infantil.

Em um dos encontros realizados com o grupo de professores da escola, foi feito o estudo dos direitos das crianças, utilizando como referência o livro “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009).

O documento sistematiza doze direitos fundamentais das crianças, um conjunto de compromissos que devemos assumir junto a elas nas instituições de Educação Infantil, e acrescento que também nas de Ensino Fundamental como em toda a sociedade, com uma linguagem direta e propositiva, em uma perspectiva que traz o cotidiano do trabalho educativo e da vida das crianças. Garantir estes direitos é dever de todos e garantia de aprendizagens significativas e de desenvolvimento integral das crianças.

De acordo com este documento:

- Nossas crianças têm direito à brincadeira;
- Nossas crianças têm direito à atenção individual;
- Nossas crianças têm direito a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante;
- Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza;
- Nossas crianças têm direito à higiene e à saúde;
- Nossas crianças têm direito a uma alimentação sadia;
- Nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão;
- Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos;
- Nossas crianças têm direito à proteção, ao afeto e à amizade;
- Nossas crianças têm direito a expressar seus sentimentos;
- Nossas crianças têm direito a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche. (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009, p.13).

Após a apresentação de tais direitos, os professores comentaram saber da existência destes, mas que ainda não haviam feito a leitura dos mesmos. Alguns participantes comentaram a importância desse estudo:

*A formação de hoje nos fez entender a importância da Educação Infantil na vida de nossas crianças, temos que proporcionar que seus direitos sejam garantidos para que possam desenvolver suas capacidades dentro da sua faixa etária. E aprendi que esta fase do ser humano tem que ser desenvolvida da melhor forma possível através de atividades lúdicas. (Antônia).*

Em meu trabalho com a Educação Infantil sempre procurei ter o cuidado de desenvolver propostas que garantissem o desenvolvimento integral das crianças, tais como: permitir as expressões de sentimentos, o contato com a natureza, as brincadeiras, a manifestar seus desejos, curiosidade e imaginação, o incentivo para uma alimentação saudável e para higiene, oferecendo um ambiente seguro, tranquilo e afetuoso.

A partir do conhecimento desses direitos, passei a preocupar-me ainda mais para que os mesmos fossem garantidos. Nesse sentido, o desafio maior da escola está em todos compreenderem e respeitarem as especificidades da Educação Infantil e os direitos das crianças e também, na medida do possível, realizar a melhoria da sua infraestrutura organizando um espaço adequado para o atendimento dessa faixa etária.

Conforme os direitos, é preciso “[...] adequar a alturas das janelas, os equipamentos e os espaços de circulação às necessidades de visão e locomoção das crianças”. (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009, p.17).

Também cabe destacar o importante papel das interações no desenvolvimento da criança. Oliveira (2010, p.6), em suas reflexões sobre as novas Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil, destaca:

O impacto das práticas educacionais no desenvolvimento das crianças se faz por meio das relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças e que afetam a construção de suas identidades. Em função disso, a preocupação básica do professor deve ser garantir às crianças oportunidades de interação com companheiros de idade dado que elas aprendem coisas que lhes são muito significativas quando interagem com companheiros da infância e que são diversas das coisas que elas se apropriam no contato com os adultos ou com crianças já mais velhas. À medida que o grupo de crianças interage, são construídas as culturas infantis. (OLIVEIRA, 2010, p.6).

O desenvolvimento e as aprendizagens das crianças se fortalecem a cada experiência vivida pela interação criança/criança, criança/adulto, criança/conhecimento, e em cada uma dessas relações seus direitos devem ser garantidos para que elas vivam a sua infância plenamente.

As interações sociais são necessárias no processo educativo. É essencial que as crianças tenham contato com o maior número de pessoas, adultos e crianças. E ao professor cabe o papel de favorecer a busca pelo conhecimento, partindo sempre do que cada criança já sabe, com base em suas experiências prévias dentro e fora da escola.

Nas interações um vai aprendendo com o outro, ou seja, tanto quem ensina, como quem aprende, e nessas trocas é que a aprendizagem e o desenvolvimento vão acontecendo. Ao dialogar com o colega ou professor, por exemplo, a criança vai ampliando a sua fala e expondo a sua leitura de mundo.

A interação está diretamente ligada ao brincar, pois é nas brincadeiras que as crianças vão interagindo, aprendendo a se socializar e assim realizando movimentos de troca, com diálogo e descoberta.

A brincadeira é a atividade principal da criança na Educação Infantil (KISHIMOTO, 2010), pois o “brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz” (BRASIL, 2009, p.7).

A criança necessita brincar, pesquisar, viver o lúdico, o imaginário, a curiosidade, o contato com a natureza, num espaço amplo, seguro e estimulante, onde as múltiplas linguagens façam parte do trabalho diário com as crianças.

O brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade. Nele, as coisas podem ser outras, o mundo vira do avesso, de ponta-cabeça, permitindo à criança descolar-se da realidade imediata e transitar por outros tempos e lugares, inventar e realizar ações/interações com a ajuda de gestos, expressões e palavras, ser autora de suas histórias e ser outros, muitos outros: pai, mãe, cavaleiro, bruxo, fada, príncipe, sapo, cachorro, trem, condutor, guerreiro, super-herói... São tantas possibilidades quanto é permitido que as crianças imaginem e ajam guiadas pela imaginação, pelos significados criados, combinados e partilhados com os parceiros de brincadeira. Sendo esses outros, definindo outros tempos, lugares e relações, as crianças aprendem a olhar e compreender o mundo e a si mesmas de outras perspectivas. (BORBA, 2009, p.66).

Os participantes em muitos momentos demonstraram compreender a importância das brincadeiras para que a criança possa “ser criança”. Maria mencionou que “[...] A ‘missão’ do Pré, ou seja, da Educação Infantil, é deixar a criança ‘brincar’, ‘falar’, descobrir-se como ‘criança’[...]”; Carmela falou que “[...] o tempo e o espaço para as brincadeiras oportunizam a interação entre eles” e Francisca, comentou que “[...] os limites, o respeito, a solidariedade, a renúncia, a partilha de vivências entre as crianças acontece através das brincadeiras.”.

As brincadeiras precisam atender as necessidades e interesses das crianças, de acordo com a faixa etária. As mesmas devem promover o conhecimento da criança a respeito de si e do mundo, trabalhar com diferentes linguagens, construir conceitos, interagir com manifestações e tradições culturais, estimular a autonomia infantil, a imaginação, criatividade e expressividade.

O respeito incondicional ao brincar e à brincadeira é uma das mais importantes funções da educação infantil, não somente por ser no tempo da infância que essa prática social se apresenta com maior intensidade mas, justamente, por ser ela a experiência inaugural de sentir o mundo e experimentar-se, de aprender a criar e inventar linguagens através do exercício lúdico da liberdade de expressão. Assim, não se trata apenas de um domínio da criança, mas de uma expressão cultural que especifica o humano. (BARBOSA, 2009, p.70).

As Diretrizes enfatizam a necessidade das interações e brincadeiras estarem articuladas com os aspectos regionais, locais e culturais, sempre se adequando às realidades das comunidades – e incluem-se aqui as do campo. Ou seja, as linguagens presentes nos processos de interação e de brincadeiras, que ocorrem por diferentes meios sociais e culturais, precisam levar em conta a identidade e as características de pertencimento das crianças.

Em minhas atividades lúdicas, procuro explorar os espaços externos da escola, para que as crianças convivam com a natureza e tirem proveito deste ambiente tão rico de aprendizagens. Tenho proporcionado o contato com a terra, através do cultivo da horta, do jardim e do pomar. Também procuro resgatar as brincadeiras do meu tempo de criança, que em função do uso das tecnologias muito presentes nas famílias tem ocupado o tempo das crianças e elas já não conseguem explorar os espaços. Assim, o subir em árvores, o pular corda e amarelinha, se tornam difíceis, pois as mesmas não tem a destreza necessária para isto.

Antonieta, em uma das formações, também salientou isso, falando a importância de aproveitarmos o espaço da nossa escola para as brincadeiras:

*O espaço físico da escola garante que as crianças tenham contato com a natureza. Por sermos uma escola do campo, tem espaço aberto com grama, pracinha com areia, sombra, pomar e bosque para as crianças usufruírem.*

Durante as formações com os colegas, pude expor um pouco do trabalho pedagógico que realizo com a Educação Infantil, com ênfase nas interações e brincadeiras, para de certa forma colaborar para a tomada de consciência da importância do mesmo, não só para esta etapa, mas também para as demais.

Portanto, o resgate das brincadeiras populares e das interações com o meio em que as crianças vivem, explorando todos os espaços da escola para a construção de conhecimentos de forma lúdica e prazerosa, é um desafio para toda a escola, pois a maioria dos colegas professores ainda entendem que as atividades lúdicas e as brincadeiras devem ser desenvolvidas na Educação Infantil e pela disciplina de Educação Física, pois quando planejo organizar atividades diferenciadas, como gincanas no pátio, vem o pedido: *“Você que tem facilidade organiza que nós te ajudamos”*.

No processo formativo, em muitos momentos retomei com o grupo a importância de garantir à criança o direito à brincadeira, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, resta agora esperar que passem a usufruir deste recurso.

Uma das professoras participantes demonstrou ter compreendido isso quando disse que:

*A partir desse estudo seremos capazes de refletir sobre a nossa prática pedagógica tanto na Educação Infantil como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, buscando sempre interagir através do lúdico no decorrer da infância da criança.*

Essa fala de Rosa me deixou muito feliz porque percebo que, de alguma forma, consegui alcançar o objetivo de ajudar os professores a compreenderem a importância de garantir o direito de todas as crianças à brincadeira. Penso que, mesmo que muito inicialmente, consegui começar a inspirar os professores do Ensino

Fundamental a buscarem referências, para suas práticas, no trabalho pedagógico que desenvolvemos na Educação Infantil.

Cabe ainda salientar que através das brincadeiras as crianças desenvolvem suas diferentes linguagens. O Parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) define que devem ser garantidas as experiências que:

[...] favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical [...] promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. (BRASIL, 2009, p.21)

Nesse sentido, Malaguzzi (1999), em seu poema “As cem linguagens da criança” escreve que a criança se constitui de várias linguagens, mas que o adulto a restringe a poucas:

A criança é feita de cem.  
 A criança tem  
 uma centena de línguas  
 cem mãos  
 uma centena de pensamentos  
 uma centena de maneiras de pensar  
 de brincar, de falar.  
 Uma centena. Sempre de uma centena de  
 modos de escutar  
 de admiração, de amar  
 cem alegrias  
 para cantar e compreender  
 cem mundos  
 para descobrir  
 cem mundos  
 para inventar  
 cem mundos  
 para sonhar.  
 A criança tem  
 uma centena de línguas  
 (E um cem cem cem mais)  
 mas eles roubam 99.  
 A escola ea cultura  
 separam a cabeça do corpo.  
 Dizem-lhe:  
 de pensar sem as mãos  
 fazer sem cabeça  
 para ouvir e não falar  
 de compreender sem alegria  
 de amar e de maravilhar-se  
 só na Páscoa e no Natal.  
 Dizem-lhe:  
 para descobrir o mundo já está lá

e do cem  
eles roubam 99.  
Dizem-lhe:  
que trabalho e lazer  
realidade e fantasia  
ciência e imaginação  
o céu ea terra  
razão e sonho  
são coisas  
que não pertencem juntos.  
E assim eles dizem à criança  
que o cem não existe.  
A criança diz:  
De jeito nenhum. O cem é lá.  
(EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 1999).

Respeitar as linguagens das crianças é respeitar os seus direitos e colaborar no desenvolvimento integral das mesmas, oferecendo condições para que cresçam num ambiente rico de experiências significativas. E para isso, um trabalho que considere as diferentes linguagens deve ser elaborado com a colaboração das crianças, contendo materiais diversos que enriqueçam o ambiente e favoreçam a construção de conhecimentos.

Durante a formação, fui questionada pela professora de Língua Portuguesa: *“Não entendo como na sala do Pré não tem o alfabeto na parede!”*. Nesse momento lembrei-me da minha sala da pré-escola, contendo o alfabeto com palavras descontextualizadas, iniciadas com a letra indicada, que decorávamos. Então, justifiquei a pergunta da professora dizendo que a escrita irá aparecer na sala à medida que as crianças forem manifestando a necessidade e o interesse de se comunicarem por meio dela, pois a linguagem escrita será trabalhada de modo a ampliar a inserção na cultura letrada e não com o objetivo de alfabetizar.

Salles; Faria (2012, p.136), nesse sentido, apontam que:

[...] a Educação Infantil tem o importante papel de possibilitar o acesso das crianças à cultura letrada, a partir da vivência de experiências com diversos suportes e gêneros textuais, em práticas sociais reais em que o uso destes textos se tornem necessários. O processo de aprendizagem dessa linguagem pelas crianças nessa etapa da Educação Básica se amplia, na medida em que são trabalhados, de modo intencional, os processos de produção e de leitura de textos.

Isto significa dizer que as crianças constroem suas noções de leitura e escrita antes de aprender a decifrar o código da língua escrita; na Educação Infantil o nosso objetivo deve ser oportunizar que as crianças reconheçam os usos e funções da leitura

e da escrita, o que é parte do processo de alfabetização, o que se faz através da participação em momentos de leitura e escrita textual realizadas pelo professor, ou por elas mesmas, a partir dos seus interesses.

Hoje a maioria das crianças estão imersas na cultura letrada, convivendo com livros, jornais e revistas em casa e aprendendo as letras no teclado do computador. Elas já estão inseridas em um mundo letrado, em um ambiente alfabetizador. Mas há ainda crianças que, apesar de estarem envoltas em um mundo letrado, não são estimuladas a utilizá-lo na construção de aprendizagens, ou seja, onde a escrita não é tão presente e não se têm como hábito a leitura e a escrita.

Assim, a escola deve ser este espaço letrado que desafie a construção do conhecimento de maneira prazerosa e instigante, brincando e aprendendo.

Justamente por esta questão ser uma das mais polêmicas da escola, durante as formações me propus a discuti-la com os colegas. Conteí um pouco do trabalho que venho desenvolvendo com as crianças, onde procuro construir meu planejamento levando em consideração as necessidades e curiosidades delas em determinados assuntos e possibilito as mesmas vivenciar de diferentes maneiras: observando, pesquisando, vivenciando e dialogando. Através dos livros e outros materiais para pesquisa, as crianças vão entrando em contato com o mundo letrado e descobrindo as letras, com seus sons e diferentes traçados. Isso tudo para que professores, direção e coordenação compreendessem o porquê do alfabeto não estar presente na minha sala de aula, nem como material de apoio. Pois o contato com o mundo letrado se dá de várias formas, não se restringindo somente ao uso de cartaz com o alfabeto.

Também enfatizei que o processo de ler e escrever que acontece a partir do primeiro ano do Ensino Fundamental será facilitado a partir do trabalho significativo realizado na Educação Infantil, que não inclui decorar o alfabeto, mas sim entender a sua função social comunicativa.

Após as formações, alguns professores, dentre eles Francisca, compreendeu qual o papel da Educação Infantil no processo de leitura e escrita e citou:

*É necessário, acima de tudo, ter em mente que a Educação Infantil não tem a 'missão' de alfabetizar. Deve sim oferecer um ambiente alfabetizador, mas acima de tudo, socializador, que procure desinibir a criança, ensinando-a a partilhar seus conhecimentos, brinquedos, 'medos', linguagens e 'vivências'.*

Diante disso o grande desafio, a partir de agora, é conseguir que o grupo se comprometa a realizar transições mais adequadas, que respeitem os direitos das crianças, especialmente da Educação infantil para os primeiros anos do Ensino Fundamental, garantindo que ela ocorra sem rupturas e respeitando as especificidades de cada etapa.

Fátima, demonstrando também ter compreendido que a função da Educação Infantil não é alfabetizar, mencionou outra questão importante: *Os pais precisam entender, ao trazer a criança para frequentar a Educação Infantil, que esta não alfabetiza. Não se deve forçar a criança, ela aprenderá conforme seus interesses e maturidade.*

Este é outro desafio a ser enfrentado: a compreensão, por parte das famílias, do trabalho desenvolvido na Educação Infantil. A participação das famílias na escola, infelizmente tem se restringido a eventos e entrega de avaliações, quando esta é solicitada. Apesar disso, tenho conseguido realizar o diálogo com algumas famílias que vem até a escola em momentos além do solicitado e busco falar um pouco sobre as especificidades da Educação Infantil, mostrando também um pouco das produções que realizo com as crianças. Esse contato tem sido muito importante para que as famílias entendam essa etapa e colaborem com o trabalho.

Como não foi possível a participação das famílias na proposta, pretendo organizar um encontro para apresentar o texto que foi construído para que as mesmas possam opinar e sentirem-se corresponsáveis no processo educativo.

## 5 OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO

O trabalho pedagógico perpassa o simples ato de transmitir conhecimentos, ele acontece num todo e depende também da receptividade e do bom relacionamento da equipe. As reflexões e os estudos devem contribuir para mudanças, mas essas mudanças só acontecem se houver desejo.

Todo estudo realizado, mesmo que em pouco tempo, teve a função de colaborar na construção da uma etapa pouco valorizada no contexto escolar. A preocupação com as outras etapas do ensino, devido aos resultados do fracasso escolar especialmente na fase da alfabetização, deixou de lado a preocupação com a Educação Infantil. Na verdade, nesse processo há dois desafios muito grandes: o relacionado à etapa, ainda pouco valorizada, conforme mencionei, e o contexto da escola, uma Escola do Campo, que também enfrenta muitos desafios – internos e externos – para o seu reconhecimento.

Barbosa (2012, p. 160) menciona que: “O reconhecimento e o protagonismo daqueles que habitam o espaço rural do país merecem ser destacados como aspectos que podem contribuir na formulação de uma Educação Infantil do Campo”.

A escola é composta pelas crianças e suas famílias, e também por diferentes profissionais que atuam em cargos específicos como: direção, coordenação pedagógica, professores e funcionários, mas todos de alguma forma são também responsáveis pela educação das crianças, têm a tarefa de ampliar as experiências proporcionadas a elas, garantindo-lhes o acesso e a construção de conhecimentos.

Após as formações percebi que alguns de meus colegas compreenderam a importância de cada um e de todos nesse processo educativo:

*O estudo da Proposta Pedagógica da Educação Infantil proporcionou o entendimento de como posso atuar na Educação Infantil como educadora. Foi muito válido, pois esclarece de que forma devemos desenvolver o cuidar e o educar nessa etapa da Educação Básica, que o trabalho pedagógico acontece por meio de projetos tornando a criança o centro desse desenvolvimento e que a avaliação é contínua, envolvendo todos que fazem parte do processo educativo. (Catarina)*

A garantia de que os direitos das crianças sejam realmente respeitados perpassa a esfera escolar, envolvendo também toda a sociedade, que precisa estar

informada para se engajar na luta em favor da valorização da criança e da Educação Infantil.

As políticas públicas são claras ao enfatizar os direitos das crianças, bem como a permanência das mesmas no lugar onde vivem, mas o que venho vivenciando com o trabalho em uma escola do campo e multietária, ainda está longe de atender as demandas que estas políticas explicitam.

Primeiramente, realizo um trabalho solitário, pois só tem uma turma de Educação infantil na escola e uma única professora - que sou eu - com experiência, ainda que pequena, nesta etapa. Como também, tenho pouco contato com professores de outras instituições que contemplam esta etapa, pois o Estado não ofereceu formações específicas para os docentes da Educação Infantil. Como já mencionei anteriormente, as formações oferecidas foram superficiais, com pouco subsídio teórico para estudar/aprofundar sobre a Educação Infantil. Nesse sentido, destaco que seria muito importante se, de alguma forma, pudessem ser organizadas formações – seja pela Secretaria Estadual de Educação ou pela Secretaria Municipal, como uma possibilidade de articulação entre elas – que contemplassem os professores da Educação Infantil, para que pudessemos compartilhar estudos e experiências.

A permanência da Educação Infantil em nossa escola só tem sido possível devido as Diretrizes apontarem para a necessidade de manter as Escolas do Campo, como descrito na resolução CNE/CEB nº2, de 28 de abril de 2008, artigo 3º “A Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental devem ser oferecidos nas próprias comunidades rurais, evitando-se os processos de nucleação de escolas e de deslocamento das crianças às áreas urbanas.” (BRASIL, 2014, p.21).

Para além dessa garantia que a escola em que trabalho possui para continuar atendendo a Educação Infantil, é necessário garantir que o trabalho pedagógico seja direcionado para as especificidades do campo, valorizando os processos culturais nele envolvidos.

Além de atender a demanda de ter um trabalho voltado para o campo, devemos pensar também na infraestrutura que esse meio escolar oferece e ainda se as propostas pedagógicas estão de acordo com a realidade das crianças, assim como afirma Barbosa:

Pensar em infraestrutura e proposta pedagógica na relação com as instituições de Educação Infantil, que devem ofertar atendimento a crianças pequenas do campo brasileiro, é ter que reconhecer, por um lado, aquilo que não deve faltar na oferta de Educação Infantil para toda e qualquer criança brasileira e, por outro, é enxergá-las a partir do vínculo cultural que elas estabelecem em seu contexto social, garantindo-se a elas a vivência, na instituição educacional na qual estão inseridas, deste vínculo que também as identifica. (BARBOSA, 2012, p. 161 e 162).

Com certeza as famílias, que são na grande maioria oriundas do campo, esperam de alguma forma que a escola dê continuidade e ampliação dos saberes que adquirem no convívio familiar, unindo a prática com a teoria. Por isso, faz-se necessário que a escola como um todo inclua nos seus projetos pedagógicos temas que venham ao encontro dessas expectativas, desafiando as crianças a ressignificarem o espaço onde vivem, para através e com ele alcançarem aprendizagens significativa e relevantes.

Quando organizei os temas para estudo nos encontros de formação, projetei certa expectativa que não foi correspondida pelo grupo de professores. Almejei que houvesse um engajamento maior nas discussões e na elaboração da proposta, mas o grupo, de certa forma, respondeu mais como ouvinte do que como colaborador no processo, por isso as mudanças que são necessárias acontecer, e que incluem um trabalho pedagógico voltado às especificidades do campo e a ludicidade, ocorrerão ao longo prazo. Na verdade, compreendo que isso mostra o quanto falta caminhar para que a Educação Infantil tenha o reconhecimento e a valorização que merece também dentro desta escola.

Diante do resultado do percurso dessa pesquisa, penso que meus desafios só aumentaram. A partir de agora pretendo realizar um trabalho que dê mais visibilidade à Educação Infantil, através de exposições nos murais da escola, convidando a comunidade escolar para acompanhar mais de perto os projetos que desenvolvo com as crianças, promover momentos de socialização com outras escolas do município, bem como continuar buscando suporte teórico para ampliar minha prática pedagógica.

A semente foi lançada, agora basta continuar o trabalho, “regando” e “adubando” a mesma para que haja frutos. Por isso, esta tarefa não acaba por aqui, deverei continuar buscando estratégias para que aconteça o devido reconhecimento da Educação Infantil na escola, sem deixar de lado as especificidades da Escola do Campo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DESAFIO CONTINUA

Durante o percurso da pesquisa foi possível constatar o quanto o trabalho do professor é árduo, e o quanto depende diretamente das suas ações e comprometimento a consolidação de projetos e propostas significativas para as crianças.

Refletir sobre a ação pedagógica é um desafio que se coloca diariamente a nós, docentes. Significa estar constantemente e sistematicamente pensando sobre o que fazer, ou seja, estar em permanente processo de reflexão e avaliação. Essa dinâmica possibilita definir rumos e encaminhamentos para a ação docente, ou seja, pensar para fazer e (re)fazer constantemente a sua prática.

Essa pesquisa possibilitou a mim e aos meus colegas da EEEF São Pio X justamente isso: refletir sobre nossas ações pedagógicas para qualificá-las, e o foco desta pesquisa era o trabalho pedagógico na Educação Infantil, com especial ênfase aos direitos das crianças, as interações e as brincadeiras.

Assim, apresentei e discuti junto à direção, coordenação, professores e funcionários da escola sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e os Direitos Fundamentais das Crianças (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009). Era meu objetivo envolver as famílias e a comunidade nesse processo, contudo, até o momento isso ainda não foi possível.

Nesse processo, a comunidade escolar pode conhecer e compreender mais acerca da especificidade do trabalho pedagógico na Educação Infantil, mas faltou ainda incluir as famílias nesse processo, o que será realizado em outro momento, pois é fundamental que as mesmas se envolvam no processo.

Também percebi que, de alguma forma, houve a compreensão, enquanto escola, da importância das brincadeiras e interações no processo educativo das crianças, pois algumas professoras já estão realizando mais brincadeiras com as crianças, buscando referências no trabalho desenvolvido na Educação Infantil, e articulando com as diferentes linguagens.

Ainda que de uma forma muito breve, também consegui provocar junto ao grupo algumas reflexões com relação às especificidades do trabalho pedagógico realizado na nossa escola, considerando o fato dela ser uma Escola do Campo. Visitamos algumas legislações e conversamos sobre a importância da valorização desse espaço e de suas especificidades no trabalho pedagógico com as crianças.

Meu objetivo maior, que era Fortalecer a Proposta Pedagógica para a Educação Infantil, para que a comunidade escolar pudesse compreender e defender tal proposta e a permanência da Educação Infantil nesta escola, que é uma escola do campo, precisará continuar sendo revisitado ao longo do próximo semestre, e provavelmente esse caminho será longo, tendo em vista que a proposta pedagógica não foi fortalecida com o grupo do modo como pretendíamos, pois os estudos realizados, bem como a participação do grupo da escola não foram suficientes para o fortalecimento almejado. Portanto, será necessário realizar mais estudos e leituras sobre o mesmo com a comunidade escolar para que todos se envolvam e apoiem o meu – o nosso - trabalho com a Educação Infantil, dando voz e espaço a essa etapa na EEEF São Pio X.

A Proposta Pedagógica para a Educação Infantil que construí ao longo desse processo e que hoje faz parte da Proposta Pedagógica da EEEF São Pio X é esta:

**PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA  
ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO PIO X, DO MUNICÍPIO DE  
BOZANO/RS**

A Educação Infantil em nosso país tem como alguns de seus marcos fundamentais a Constituição Federal de 1988, que reconheceu a Educação Infantil como direito da criança e dever do Estado, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB, Lei nº 9394/96) que a definiu como a primeira etapa da Educação Básica.

O trabalho pedagógico a ser desenvolvido na Educação Infantil deve atender ao que normatizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB nº 05/2009), atual normativa nacional para esta etapa, garantindo o desenvolvimento integral das crianças.

Na Educação Infantil – assim como no Ensino Fundamental - é dever da escola garantir os direitos fundamentais das crianças. Nesse contexto, o documento “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” (2009), tornou-se uma referência para todos que atuam junto às crianças.

O documento sistematiza doze direitos fundamentais das crianças que devem ser garantidos no trabalho pedagógico, são eles: direito à brincadeira; direito à atenção individual; direito a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante; direito ao contato com a natureza; direito à higiene e à saúde; direito a uma alimentação sadia; direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; direito ao movimento em espaços amplos; direito à proteção, ao afeto e à amizade; direito a expressar seus sentimentos; direito a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X, tem como **objetivo** da ação pedagógica na Educação Infantil o desenvolvimento integral das crianças em todas as suas linguagens, contemplando as dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural, complementando a ação da família e da comunidade, num trabalho que valorize e respeite as especificidades de uma educação do campo.

O trabalho escolar na Educação Infantil exige conhecimentos específicos e competência para integrar o cuidar e o educar com ênfase nas interações e brincadeiras, que possibilitam o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

O cuidar e o educar são indissociáveis e devem ser trabalhados juntos, sem esquecermos de buscar o equilíbrio entre ambos, pois ao mesmo tempo em que cuidamos precisamos ter clareza de que estamos educando, e do mesmo modo, não há educação sem cuidado. Sabemos que as crianças precisam de cuidados, mas devemos também reconhecê-las como seres competentes e ativos da sociedade onde vivem e a qual ajudam a construir.

O trabalho pedagógico nesta etapa deve ter como eixos as interações e as brincadeiras, sendo que elas possibilitam o desenvolvimento das diferentes linguagens, dentre elas, a linguagem musical, plástica, corporal, matemática, oral, escrita, digital, da natureza e sociedade. Para tanto, o trabalho que considere as diferentes linguagens deve ser realizado de modo que as crianças sejam protagonistas, a centralidade do processo educativo.

A partir das interações entre as crianças e delas com os adultos acontecem as aprendizagens, e durante as brincadeiras elas vão aprendendo a conviver e a interpretar o que existe ao seu redor, ou seja, vão descobrindo o mundo. “Brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo, conforme

ele reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz” (PARECER CNE/CEB Nº 20/2009).

As brincadeiras, seus espaços, tempos e materiais precisam atender as necessidades e interesses de meninos e meninas, de acordo com a faixa etária, e por meio delas é possível promover o conhecimento da criança a respeito de si e do mundo, trabalhar com diferentes linguagens, construir conceitos, interagir com manifestações e tradições culturais, estimular a autonomia infantil, a imaginação, criatividade e expressividade.

A criança é a centralidade do planejamento, com toda a sua historicidade e bagagem cultural, reconhecida como sujeito, ativa, envolvida, pesquisadora, questionadora, curiosa, a qual se expressa das mais diferentes formas e intensidades. Nesse sentido, é fundamental que os professores planejem propostas desafiadoras para e com as crianças, atividades que as desafiem a fazer narrativas, descrições, comparações, relações, criações e construções em várias dimensões, explorando diferentes espaços e materiais, ou seja, atividades que as provoquem a pensar, tomar decisões e resolver problemas, desenvolvendo um trabalho que articule as linguagens numa mesma proposta.

Ainda com relação às linguagens, é importante ressaltar que na Educação Infantil o objetivo não é alfabetizar, mas ampliar a inserção das crianças na cultura letrada para que elas reconheçam a função social da escrita, assim como a função social dos números na nossa vida, através da construção de cartas, receitas, histórias, onde a professora atua como escriba das crianças.

O trabalho pedagógico é realizado por meio de projetos, uma escuta atenta e sensível do professor, uma vez que cada projeto a ser desenvolvido com a turma deve surgir do interesse e/ou da necessidade do grupo de crianças, que partilham situações de aprendizagem que possam favorecer o surgimento de um tema. Dessa forma, os projetos a serem desenvolvidos com o grupo de crianças não são pré-definidos pela escola ou professora, mas construídos a partir da escuta das crianças.

No cotidiano, a participação da criança na construção da rotina é fundamental para que as propostas não se tornem insignificantes, mecânicas e repetitivas e que o espaço não se constitua como algo desinteressante e sem significado para elas.

Na organização do tempo, é necessário considerar que o tempo da criança não é o mesmo do adulto, e que as propostas devem respeitar e estar de acordo com o tempo das crianças, e não dos adultos.

Diversas propostas constituem o dia a dia na Educação Infantil: recepção, roda de conversa, alimentação, higiene, descanso, brincadeiras, interações. Estes momentos não devem ser organizados em uma rotina engessada, que é fixa todos os dias, assim ter objetivos claros e coerentes, promovendo aprendizagens significativas, desenvolvendo a autonomia e a identidade, oportunizando o movimento corporal, a estimulação dos sentidos, a sensação de segurança e confiança, a interação social, a privacidade e a satisfação das necessidades biológicas (alimentação, higiene e repouso).

Não podemos esquecer que as atividades organizadas devem contribuir para a construção da identidade e o desenvolvimento da autonomia, competências que perpassam todas as vivências das crianças, conforme apontam Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010).

As DCNEI's apontam que os princípios básicos para o atendimento na infância, são de ordem éticos, políticos e estéticos. Éticos no sentido de propor um trabalho voltado a boa conduta do ser humano, ou seja, ressaltando o respeito e valorização de toda e qualquer forma de vida. Políticos no sentido de propor um trabalho voltado à educação para a cidadania, através de uma formação participativa e crítica. Estéticos na ideia de que a partir deste princípio o trabalho pedagógico deve voltar-se para uma sensibilidade que valoriza o ato criador e a construção pelas crianças de respostas singulares, garantindo-lhes a participação em diversificadas experiências.

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X o objetivo não é o produto final, mas o processo de criação da criança, por isso elas são sempre incentivadas a criar e não simplesmente reproduzirem algo pronto.

Acerca da oferta de Educação Infantil no Campo, ressalta-se que o § 5º do Art. 5º das DCNEI's determina que as vagas de creche e pré-escola devam ser oferecidas próximas à residência das crianças (BRASIL, 2010). Assim como, na perspectiva da Educação do Campo, a escola deve estar inserida onde vivem as crianças, e sua proposta pedagógica deve ser voltada para o sujeito-criança do campo.

Assim, falar da Educação do Campo é pensar em uma educação que observa o direito que uma população tem de pensar e agir no mundo a partir do lugar onde vive, ou seja, da sua terra e de sua realidade. Com base nisso, destacamos que na Escola São Pio X as crianças são incentivadas a realizarem diferentes propostas que enriqueçam suas aprendizagens com relação ao meio rural em que vivem, de modo que as aprendizagens dentro e fora da escola tenham articulação e significado. Nosso objetivo é que as crianças reconheçam e valorizem esse contexto e seus modos de vida, e que desejem aprender cada vez mais nele e com ele.

A avaliação diagnóstica ou mediadora, prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB Nº 9394/96, Artigo 31), tem a finalidade de acompanhar e repensar o trabalho realizado nas instituições de ensino, mediante o acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental.

Assim, a avaliação na Educação Infantil faz parte de um processo contínuo de acompanhamento do processo vivido pela criança, envolvendo a participação de todos os sujeitos no processo educativo, levando em conta as singularidades e diferenças para que cada educador e a própria instituição possam repensar o seu fazer pedagógico. O professor, para tanto, deverá observar, registrar, acompanhar e interferir no processo de apropriação do conhecimento da criança, contemplando avaliações do grupo de crianças e também de cada criança individualmente.

Concluimos esse momento da pesquisa reforçando a necessidade de uma maior valorização e reconhecimento da Educação Infantil e do trabalho docente realizado nessa etapa na EEEF São Pio X, tanto por parte da comunidade escolar quanto por parte da Coordenadoria Regional de Educação/Secretaria Estadual de Educação.

Por fim, resta o desafio de buscar, para além de uma valorização da Educação Infantil, o reconhecimento das particularidades do campo para que o mesmo esteja inserido no contexto devida das crianças preservando e respeitando suas especificidades e proporcionando o desenvolvimento de aprendizagens significativas.

Enquanto estivermos politicamente preocupados com as crianças, respeitando as suas especificidades, estaremos colaborando para a qualidade das práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil.

Fica o desejo de continuar buscando, de se lançando para novos desafios, para novas aprendizagens, para outras leituras, de querer mais, de aprender e reaprender atualizando-se sempre, garantindo tais práticas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira [et. Al] organizadoras. **Oferta e demanda de educação infantil no campo**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: MEC/SEF. **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. Casa Civil, **Decreto nº 7.352**, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – Pronera. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2010/decreto-7352-4-novembro-2010-609343-publicacaooriginal-130614-pe.html>. Acesso em: 18 nov. 2016

\_\_\_\_\_. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer CNE/CEB Nº20/2009. Brasília: DF, 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: DF, 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil do Campo**: Proposta para a expansão da política. Documento produzido pelo Grupo de Trabalho Interinstitucional - GTI, instituído pela Portaria Interministerial número 6/2013, assinada pelos Ministros de Estado da Educação, do Desenvolvimento Agrário e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília: DF, 2014.

CAMPOS, M. M. & ROSEMBERG, F. **Crítérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1995.

EDWARDS, C., GANDINI, L. & FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedo e brincadeira na Educação Infantil**. In: Anais do I Seminário Currículo em Movimento Perspectivas atuais. Belo Horizonte, Faculdade de Educação-UFMG, 2010.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: MEC/SEF. **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

LEAL, F.L.A. PASUCH, J. **Educação Infantil do Campo**. In: BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Salto para o futuro. Ano XXIII, Boletim 11, Junho 2013. Brasília, DF: MEC/SEB, 2013.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. **O currículo na Educação Infantil: o que propõem as novas diretrizes curriculares nacionais?** In: Anais do I Seminário Currículo em Movimento Perspectivas atuais. Belo Horizonte, Faculdade de Educação-UFMG, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.